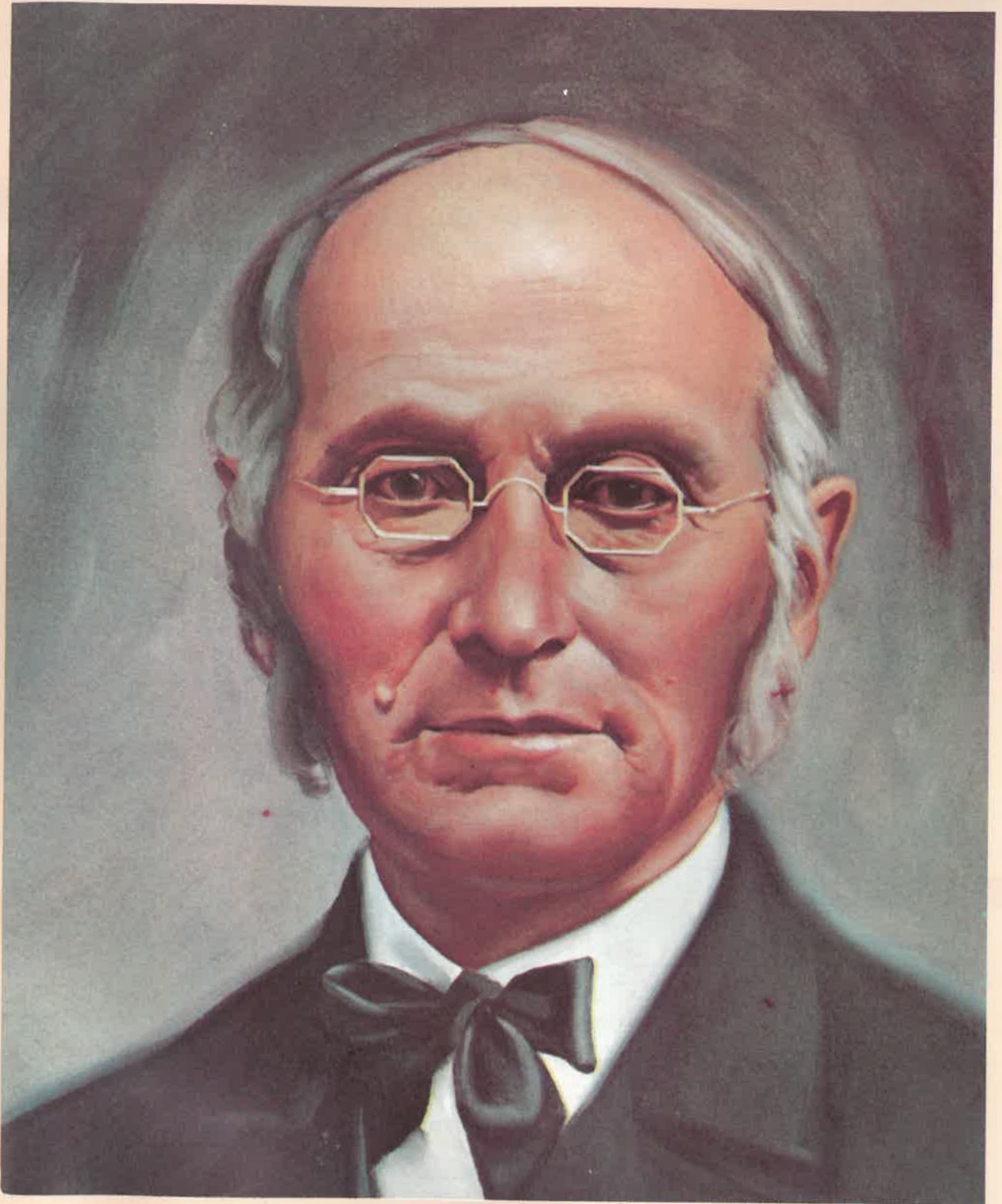


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Julho de 1994



NESTE NÚMERO

- 2 O Sábado
- 3 Uma herança de grande valor:
Descanso para o homem moderno
Por Joaquim Dias
- 6 JOSÉ BATES
Por James Joiner
- 8 A Observância do Sábado
Por E. G. White
- 11 Validade e Perenidade do Sábado
Por Manuel Nobre Cordeiro
- 13 «Eu sei que Deus vos enviou»
Por José Carlos Costa
- 15 Os pontos de partida de uma teologia do Sábado, segundo Génesis 2:1-3
Por J. Mager
- 20 Pregação das Nossas Doutrinas Distintivas: Precisa-se!
Por Robert S. Folkenberg
- 22 Notícias

PENSAMENTO DO MÊS

«O Teu santo sábado» — O que Deus santificou é sagrado porque Deus está presente.

J. Mager

O Sábado

Assim os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados.

E havendo Deus acabado, no dia sétimo, a Sua obra que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a Sua obra, que tinha feito.

E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a Sua obra, que Deus criara e fizera.

N'Ele [Cristo] foram criadas todas as coisas que há, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele.

Tu só és Senhor, Tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército; a terra e tudo quanto nela há; os mares e tudo quanto neles há; e Tu os guardas em vida a todos; e o exército dos céus Te adora.... E o Teu santo sábado lhes fizeste conhecer.

«Lembra-te do dia do sábado para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus.

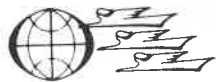
«[Nele] não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas.

«Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou, portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.»

Disse-lhes [Jesus]: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.»

— De Génesis 2, Colossenses 1, Neemias 9, Êxodo 20 e Marcos 2.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Julho de 1994 — Ano LV • Nº 566

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Trabalho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



Uma herança de grande valor: Descanso para o homem moderno

Duas razões presidiram à escolha do tema do presente número da *Revista Adventista: A Observância do Sábado, segundo o quarto mandamento*. Uma razão tem a ver com o restabelecimento da guarda do sábado, há 150 anos, como uma das valiosas heranças do Movimento de 1844; a outra prende-se com o significado e a necessidade, hoje mais que nunca, da observância e santificação do dia de sábado, para a adoração do Deus Criador e para o equilíbrio e bem-estar físico, psíquico e espiritual do Homem, da família e da sociedade.

Origem e Restabelecimento do Dia de Sábado

A origem do dia de sábado como o *Dia Santificado*, para a comunhão e a adoração ao Deus Criador, remonta ao próprio acto da criação. Após a coroação do acto criativo de Deus, no sexto dia, que foi o homem e a mulher, é-nos dito que «descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera» (Gén. 2:1-3). Mais tarde, precisamente 1500 anos A.C., no Monte Sinai, Deus grava a Sua lei com o Seu próprio dedo (Êx. 31:18): «Lembra-te do dia de sábado para o santificar (...) porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles

há, e ao sétimo dia descansou: portanto, abençoou o Senhor o dia de sábado, e o santificou» (Êx. 20:8-11).

Esta vocação do sábado, para o benefício do género humano, independentemente da sua etnia, nacionalidade ou raça, é lembrada por Jesus, ao salientar que «o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado» (Mar. 2:27).

Tal como estava profetizado, surgiria um sistema que cuidaria em «mudar os tempos e a lei» (Dan. 7:24, 25). Isso aconteceu, como magistralmente sintetiza o Director do Departamento da História da Igreja da Universidade Pontífica Gregoriana, Prof. Vincenzo Monachino, S.J., no seu prefácio ao livro *From Sabbath To Sunday* (Do Sábado para o Domingo), da autoria do Dr. Samuel Bacchiocchi: «O abandono do sábado e a adopção do domingo como o Dia do Senhor são o resultado de factores interligados do cristianismo, judaísmo e do paganismo.»¹

Esta mudança foi um verdadeiro atentado contra a soberania e honra de Deus como Criador. Ficou a porta aberta para a apostasia nas suas várias formas. Uma ilustração pálida desta mudança e desta afronta ao Deus Criador seria imaginarmos o que sentiriam os autores da Revolução de 25 de Abril, em Portugal, e todo o povo democrático, se vissem um

Governo decretar a comemoração desse evento para uma data célebre do fascismo.

Embora grupos isolados de cristãos praticassem sempre a observância do sábado, foi necessário esperar até ao século XIX da nossa era para restaurar e proclamar a mensagem do quarto mandamento da Lei de Deus: «Lembra-te do dia de sábado para o santificar (...)» «E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas» (Êx. 20:8-11; Apoc. 14:6, 7). Com efeito, na década de 1840, entre as pessoas que se interessavam pelo Advento começou a surgir a preocupação da obrigatoriedade de observar o sétimo dia como o Sábado Cristão; J.A. Begg, de Glasgow, Escócia, escreveu cartas sobre este tema, que foram publicadas na revista «*The Signs of the Times*», do Movimento Millerita. Mais tarde, Begg tornou-se um Baptista do Sétimo Dia. Os apelos desta Igreja Baptista para um reavivamento do Sábado, publicados no seu jornal, «*Sabbath Recorder*», durante o inverno de 1844-1845, sensibilizaram muitos crentes do Movimento Millerita que, já antes do desapontamento de 22 de Outubro de 1844, estavam muito impressionados sobre a necessidade da observância do sétimo dia.

A convicção e acção de uma senhora Baptista do Sétimo Dia, Rachel Oakes, não somente levou muitos crentes da sua

igreja à observância do sábado, como também pressionou o pastor Metodista-Adventista, Frederick Wheeler, a aceitar esta doutrina e a pregá-la na sua igreja em Março de 1844. Apesar de um grupo se juntar ao pastor F. Wheeler na observância do sábado, foi essencialmente após o Grande Desapontamento de 22 de Outubro de 1844 que a doutrina do sábado começou a ser estudada por outros antigos Adventistas do Movimento Millerita. É neste quadro que surge Joseph Bates. Na primavera de 1845, Bates leu um artigo do ex-pastor Millerita, Thomas M. Preble — «*Um Folheto Mostrando que o Sétimo Dia Deve Ser Observado como o Sábado em Vez do Primeiro Dia, DE ACORDO COM O MANDAMENTO*». Em conjunto com Frederick Wheeler, estuda esse folheto, chegando ambos à conclusão da veracidade desta doutrina e da necessidade de a pregar ao povo. Com esse propósito, Joseph Bates publicou as suas convicções num panfleto de 48 páginas, em Agosto de 1846, intitulado: *O Sábado do Sétimo Dia, Como Um Sinal Perpétuo, Desde o Começo, até à Entrada Pelas Portas da Santa Cidade, de Acordo com o Mandamento*. Este panfleto foi lido, nesse mesmo mês de Agosto, por James White e a sua jovem esposa, os quais, sentindo a obrigação de guardar o sábado bíblico, tornaram-se fiéis observadores e pregadores do sábado.

Embora ainda sem uma organização formal, esses observadores do sábado começaram, em 1848, a promover uma série de pequenas conferências, chamadas, mais tarde, «Conferências sabáticas». Consistiam num encontro de vários amigos guardadores do

sábado, que se juntavam nesse dia, e por vezes durante o fim de semana, para o estudo da Bíblia e a oração. Nessas conferências foram redescobertas várias doutrinas bíblicas, que se tornaram distintivas da Igreja Adventista. São disso exemplo as Três Mensagens Angélicas (Apoc. 14:6-12) e o sábado, que haveria de contribuir para o estabelecimento do nome *Adventistas do Sétimo dia*.

Significado e Necessidade da Observância do Sábado

Nós, Adventistas do Sétimo Dia, que aguardamos a vinda de Jesus em glória e majestade e que nos propomos, pela Sua graça, restabelecer o Seu santo dia de adoração, precisamos de compreender o seu verdadeiro significado, para dele aproveitarmos e poder transmitir a mensagem de amor e comunhão do sábado.

Nunca é demais salientar que não há qualquer mérito ou vantagem, para a nossa salvação, numa observância legalista do sábado. Deus estabeleceu este dia para testar e construir uma relação de íntima comunhão com Seus filhos e filhas. Como muito bem precisa Russell Burrill, «Se uma pessoa não usa este tempo para fazer crescer o seu parentesco com Deus, é uma total perda de tempo guardar o sábado.»²

É nesta experiência de relacionamento íntimo, de fazer crescer e aprofundar o nosso parentesco com Deus, que reside o verdadeiro significado do sábado da Bíblia. Esta necessidade é mais pertinente hoje, quando a nossa sociedade passa por transformações radicais, em que o ciclo semanal permanece em vigor, mas a proporção de seis dias de trabalho e um dia de descanso quase desapareceu. Por outro

lado, há o perigo de perder a bênção do dia de sábado como um período de 24 horas para comunhão com Deus, em troca de alguma(s) curta(s) hora(s) num culto formal e colectivo. Para nossa reflexão e proveito próprio, lembremos alguns aspectos do verdadeiro significado do sábado:

1. Sábado significa e proporciona comunhão com Deus: No começo da história humana, antes mesmo da entrada do pecado no mundo, Deus separou um dia específico para ser dedicado exclusivamente à amizade entre Ele e Adão e Eva, que tinha acabado de criar. «E havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra... descansou no dia sétimo... e abençoou o dia sétimo e o santificou» (Gén. 2:2, 3). Deus não deu o sábado primeiramente para descansar, porque Ele é Deus e não se cansa, e Adão e Eva não precisavam de descansar, porque nem sequer ainda tinham trabalhado. Por outro lado, podemos tirar outra ilação deste gesto de Deus, para o homem moderno: Se o homem não toma tempo para estar com Deus, mesmo que não tenha razões para estar cansado ou esgotado, sente-se vazio e exaurido. Foi isso que aconteceu após o pecado e Deus veio procurar: «Onde estás?» (Gén. 3:9). Deus deu o sábado já no Éden para que os seres humanos pudessem passar tempo com Ele. Deus dá o sábado hoje com o mesmo propósito, para desenvolver profundo relacionamento entre Ele e os seres humanos. Deus é um Deus de comunhão, de relacionamento e de amizade.

2. Sábado significa libertação, liberdade: numa palavra, Redenção: Quando Deus chamou do Egipto o Seu povo para ser uma nação livre, deu-lhe os Seus mandamentos,

não como um código de restrições, mas como uma norma de vida para um povo redimido, livre. Vale a pena lembrar a maneira como Deus introduz a Sua lei a esse povo: «Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egípto, da casa da servidão» (Êx. 20:2). «A lei nunca foi dada a um povo em escravidão: foi dada, sim, a um povo já redimido por Deus.»³

É também significativa a maneira como Deus reitera esta ideia, ao repetir o mandamento do sábado em Deuteronómio 5:15: «Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egípto, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido: pelo que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado». Na verdade «Deus sabia que somente pela guarda do quarto mandamento, e na medida em que o Seu povo desenvolvesse uma íntima comunhão de amizade com Ele, poderia guardar os outros nove mandamentos.»⁴

O relacionamento do sábado com a redenção conduz-nos a Cristo, que nos convida: «Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei» (Mat. 11:28). Esta mesma ideia de alívio, ou descanso, se encontra em Hebreus 4:4, 9-11, onde se põe em paralelo o descanso sabático e o descanso providenciado por Cristo na cruz. Assim, como descreve S. Bacchiocchi, «À luz da cruz, o descanso sabático torna-se o símbolo adequado da libertação. É o memorial do êxodo da escravidão do pecado sob a liderança de Emanuel. A maior carga que transportamos é a culpa da nossa desobediência. O repouso do sábado, ao apontar para o repouso de Jesus no túmulo, o repouso da vitória

sobre o pecado, oferece aos cristãos a oportunidade tangível para aceitar e experimentar o perdão, a paz e repouso de Cristo.»⁵

3. Sábado significa realização e sentimento da obra completa:

Na mesma passagem bíblica lemos. «Havendo Deus acabado (...) a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra que tinha feito» (Gén. 2:2). Três vezes aparece o verbo «acabado», «feito». Aqui encontramos a ideia de que Deus entrou em «relax» ao contemplar que tudo o que tinha feito nos seis dias era «muito bom» (Gén. 1:31), isto é, era perfeito e estava completo. Embora sabendo Deus que nós somos limitados e que a nossa obra não se completa cada semana, Ele quer ajudar-nos a descansar no sábado do trabalho feito e a entrar também nesse «relax». Segundo um comentário rabínico de Êxodo 20:9, «Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra», podemos compreender como Deus, pelo sábado, nos dá a possibilidade de sentir a satisfação de haver realizado algo completo n'Ele. «É possível para um ser humano fazer todo o seu trabalho em seis dias? Não fica o nosso trabalho sempre incompleto? O que este versículo significa é: descansa no dia de sábado como se todo o teu trabalho estivesse feito. Outra interpretação diz: descansa mesmo de pensar em trabalho.»⁶

Estamos certos de que o remédio para muitos males e problemas da nossa sociedade secular e de consumo, cheia de desafios, contrastes e frustrações, estaria na aceitação e prática da observância do sábado bíblico. Embora lamentando que tal não aconteça na sociedade secular, nem no mundo religioso, em geral, preferindo dar lugar ao

materialismo, ao humanismo e ao deus do vazio, damos graças a Deus pelo santo dia de sábado, que nos leva a adorá-l'O como o nosso Criador, nosso Mantenedor e nosso Redentor, Jesus Cristo. Neste ano em que se comemora os 150 anos da experiência que conduziu ao redescobrimiento das verdades bíblicas, desejamos que possa haver uma renovação na nossa confiança em Deus, no nosso amor por Jesus Cristo como nosso Salvador e que guardemos o sábado fiel e alegremente como o símbolo do nosso amor, lealdade e compromisso com Deus. Consagrando uma porção do nosso tempo a Deus, nós reconhecemos o Seu domínio sobre a nossa vida e sobre toda a criação.»⁷

Joaquim Dias

Presidente da União Portuguesa

1. Samuel Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday*, Roma, The Pontifical Gregorian University Press, 1977, pp. 7, 8. O Dr. Samuel Bacchiocchi, que é presentemente professor de teologia e de história da igreja na Universidade Adventista de Andrews, Berrien Springs, Michigan, E.U.A., foi o primeiro não católico graduado pela Universidade Pontifícia Gregoriana no Vaticano. Ele recebeu uma medalha de ouro do Papa Paulo VI pela sua erudição e graduação «summa cum laude.» Uma parte da Tese de doutoramento do Dr. Bacchiocchi, que consistiu na investigação sobre a origem do culto do domingo, foi publicada pela editora da Universidade Pontifícia Gregoriana, sob o título: «Anti-Judaísmo e a Origem do Domingo».
2. Russell Burrill, *The New World Order*, p. 186.
3. Russell Burrill, *Ibid.*, p. 183.
4. Russell Burrill, *Ibid.*, p. 183.
5. Samuel Bacchiocchi, *Rest For Modern Man*, p. 19.
6. Abraham Josua Heschel, *The Sabbath: Its Meaning for Modern Man*, p. 32.
7. Samuel Bacchiocchi, *Rest for Modern Man*, p. 32.

JOSÉ BATES

Considerado por alguns a personagem mais interessante entre os pioneiros adventistas, trouxe para a Igreja a verdade do Sábado e a mensagem da reforma da saúde.

Por James Joiner

José Bates encontrava-se no seu escritório de Fairhaven (Massachusetts), debatendo-se num grande dilema. Por um lado, tinha a convicção profunda de que devia escrever um livro, ou um folheto, sobre a recente redescoberta do **Sábado do Sétimo Dia**, mas, por outro, onde iria arranjar dinheiro para publicá-lo?

Capitão de mar e guerra aposentado, tempo houvera em que a sua fortuna fora considerável, mas agora encontrava-se reduzida a 1 shiling york, o equivalente a 12,5 cêntimos. Em 21 anos de marinheiro, começando como grumete e ascendendo ao posto de capitão e proprietário do seu próprio navio, na marinha mercante, Bates acumulara uma razoável fortuna de 16.000 dólares, verba importante para aquela época. A isto viera juntar-se uma propriedade agrícola, herança dos pais. Numa palavra: o Capitão Bates era um próspero e respeitável cavalheiro na sua comunidade.

O movimento gerado pela Mensagem do Advento, que Guilherme Miller e outros pregavam, tocara profundamente o coração de Bates, e em 1839, com 47 anos, ele tornara-se, por sua vez, pregador do Advento.

Não muito depois do Desapontamento de 1844, José Bates tomou conhecimento da verdade do Sábado do sétimo dia, através de um artigo escrito por Tomás M. Preble na revista *The Hope of Israel* [A Esperança de Israel]. Aceitou-a e quase a seguir

começou também a pregá-la aos crentes no Advento.

Bates era um homem de grande consagração e generosidade e por isso gastara todos os seus meios em ajudar a proclamação da Mensagem Adventista. Ele, que já fora rico, estava agora no seu escritório, perplexo e interrogando-se sobre a maneira de publicar um folheto acerca da verdade do Sábado. A seguir, e como era seu costume, ajoelhou-se e orou. Ergueu-se mais convencido do que nunca de que Deus o estava guiando e por isso tinha de avançar com o projecto. José Bates tinha uma frase de que gostava muito e era essa frase que uma vez e outra acudia à sua mente: «O Senhor abrirá o caminho!» Com esta convicção, José Bates sentou-se para escrever sobre a verdade e validade do Sábado, o 4.º mandamento da Lei de Deus.

Tinha passado mais ou menos uma hora quando Prudência, sua esposa, entrou no escritório:

— José, disse ela, não tenho farinha que chegue para a amassadura. [Naquele tempo cada família fabricava o seu próprio pão.]

— Quanta farinha te falta?

— Cerca de 2 quilos.

— Muito bem, replicou Bates, levantando-se para ir a uma loja perto. Foi e comprou os 2 kgs de farinha e alguns pequenos artigos de que precisavam e levou-os para casa. Prudência ausentara-se por breves momentos e, por isso, José Bates colo-

cou as coisas na cozinha e voltou à sua escrita. Momentos depois, Prudência estava outra vez à porta do escritório:

— Ó José, donde veio esta farinha?

— Não chega? perguntou ele inoportunamente. Tu disseste que precisavas de 2 quilos.

— Sim, mas onde a arranjaste?

— Comprei-a! Não era a quantidade que querias?

— Sim, mas tu, Capitão Bates, um homem que navegou de New Bedford para todas as partes do mundo, saíste para comprar *dois* quilos de farinha?

José ficou calado uns instantes. Depois, disse simplesmente:

— Mulher, nesses pequenos artigos gastei o último dinheiro que tinha nesta terra.

Embora Prudência tivesse sempre aprovado e apoiado os gastos do marido com a causa do Advento, ela nunca compreendera bem o que acontecia e só agora se dava conta que estavam sem dinheiro nenhum. As lágrimas caíam dos seus olhos, enquanto soluçava:

— E agora, o que vamos fazer?

O Capitão Bates levantou-se a toda a sua altura e deu esta resposta definitiva:

— Agora, vou escrever um livro sobre o Sábado, vou publicá-lo e vou fazê-lo circular, para que o mundo saiba que é o Sábado que se deve guardar!

— Sim, mas... (Prudência Bates não encontrava as palavras adequadas). Do que é que vamos viver?

Talvez ela já soubesse a resposta do marido:

— O Senhor abrirá o caminho!

— O Senhor abrirá o caminho, é o que tu dizes sempre!

E Prudência saiu a chorar.

Mas nem as lágrimas da mulher que ele adorava, a esposa querida da sua mocidade, podiam fazer vacilar a fé de José Bates e ele continuou serenamente a escrever.

Meia hora mais tarde, sentiu que devia ir ao correio. Levantou-se e foi. Havia lá uma carta que ele não esperava, com o porte a cobrar. Como

Bates tinha gasto os seus últimos dez centavos e meio, não tinha dinheiro para pagar o porte da carta.

— Oh, não faz mal, Capitão Bates, disse o chefe dos correios. Leve a carta e logo me paga doutra vez.

— Não, disse o Capitão. Levo-a quando a pagar! Mas, por favor, abra a carta! Tenho a impressão que ela traz dinheiro e, assim, pode tirar o dinheiro do porte antes de eu lhe tocar.

De facto, a carta trazia uma nota de dez dólares. José Bates sentiu a sua fé crescer, pois ali estava, visível, a mão de Deus. Pagou o porte da carta, comprou uma barrica de farinha e outras provisões, foi a uma tipografia e contratou a publicação de 1000 exemplares do livrinho sobre a verdade do Sábado. É verdade que, mesmo assim, Bates não tinha o dinheiro todo para pagar à tipografia, mas ele avançou pela fé e também nisto a sua fé foi recompensada, pois continuou a receber inesperadas ofertas.

Isto aconteceu em Agosto de 1846 e dá-nos uma pequena amostra do carácter e dedicação de José Bates. Sempre fervoroso, zeloso e activo, ele era, contudo, um homem bondoso, afectivo e dedicado. **Ele deu tudo o que tinha — tempo, talentos e tesouros — para o avanço da causa que tanto amava!** Este foi o homem que, um dia, no ano de 1845, foi a Washington, para se encontrar com um grupo de observadores do Sábado do sétimo dia e quando regressava, encontrou-se na ponte do rio Acushnet com um vizinho, Tiago Hall, que o saudou assim:

— Capitão Bates, o que há de novo?

A história resposta foi:

— O sétimo dia é o Sábado do Senhor!

Os anos difíceis que passara no mar, especialmente os cinco em que esteve prisioneiro e cativo da Armada Britânica aquando da Guerra de 1812, tinham moldado este homem num espécimen robusto e intrépido. Não admira que, mais tarde, ele ultrapassasse muitos dos seus companheiros de ministério mais jovens em levar a mensagem do Evangelho a um maior número de áreas novas. Ele atravessou as montanhas do New Hampshire e do Vermont, passou bastante tempo no Ohio e, mais tarde,

abriu caminho através dos bosques e pradarias do Illinois, de Iowa e Wisconsin para lhes levar a Palavra de Deus. Atravessou as florestas e pântanos do Michigan e em 1849, organizou grupos de observadores do Sábado em Jackson. Em 1852, fez uma paragem em Battle Creek, foi ter com o chefe dos correios e perguntou-lhe:

— Qual é o homem mais honesto desta cidade?

— Deve ser David Hewitt! Quando ele vende um cesto de maçãs, as de baixo são iguais às de cima. O que ele diz, é!

— Muito bem. E onde é que ele mora?

Disseram-lhe e Bates foi visitá-lo. O resultado foi que ele aceitou a verdade e foi baptizado.

Bates foi também pioneiro da obra adventista no Canadá. Uma vez, relatou ele mais tarde, teve de patinhar em neve alta cerca de 60 km, para encontrar as ovelhas esparsas nas colónias dispersas, ao norte, e lhes dar a mensagem presente.

Bates pregou, escreveu, visitou lares, organizou os crentes dispersos em grupos e preparou dirigentes para cuidarem deles. Ele era afectuosamente chamado de «Pai Bates».

A sua experiência no mar e a sua vida de oração não eram as únicas razões da sua forte constituição física. Quase sozinho entre os primeiros crentes adventistas, Bates compreendeu a necessidade de ter hábitos de saúde sãos. Como marinheiro, ele tinha visto muitas vezes os ruinosos efeitos do álcool e decidira deixar de beber. Abandonara também o tabaco e, mais tarde, ao constatar que o chá e o café eram prejudiciais à saúde, banuiu-os também. A seguir, bastante antes de outros dirigentes adventistas o fazerem, ele tomou a decisão de seguir uma alimentação simples e sem carne.

O resultado destes hábitos eram visíveis na energia e vigor que mostrava e no incansável trabalho que desenvolvia, no seu bom aspecto e na sua figura erecta, enquanto muitos outros eram débeis e doentes. Durante vinte anos Bates manteve-se quase sozinho nesta sua posição quanto aos princípios de saúde. Finalmente, outros dirigentes da Igreja compreenderam e adoptaram os princípios da re-

forma da saúde. É, porém, de notar que Bates nunca tentou forçar os seus companheiros a aceitarem os seus pontos de vista nesta matéria. Ele estava demasiado ocupado em falar, a todos os que o quisessem ouvir, sobre a bem-aventurada esperança da breve vinda de Jesus.

Prudência Bates abraçou completamente a verdade do Sábado em 1850, unindo-se assim ao seu marido na observância ao mandamento do Senhor. E como ambos estavam felizes!

Às vezes, quando ele, tal como o apóstolo Paulo, sentia ser seu dever ausentar-se para visitar outra vez os seus conversos e ver se continuavam firmes na verdade, ela parecia preocupada. Ele dizia-lhe:

— «Prudy, minha querida, eu sinto-me hoje tão bem e tão forte como há vinte anos. Deus deu-me a bênção de uma saúde esplêndida, especialmente desde que aprendi a cuidar dela. Tu sabes, minha querida, que há muito tempo que não tenho qualquer doença!» E pronto, lá ia ele para outra viagem missionária!

José Bates era em toda a parte reconhecido como líder dos Adventistas do Sétimo Dia. Ele foi o primeiro presidente da Associação do Michigan, a primeira a ser organizada, e presidiu muitas vezes às assembleias da Conferência Geral. O seu estatuto de executivo e dirigente da Igreja, tal como o de Tiago White, está bem evidente na história desses primeiros dias. Basta ver que as credenciais pastorais eram assinadas pelos dois pioneiros, identificados simplesmente como «pastores dirigentes».

O Pastor José Bates faleceu de um tipo maligno de erisipela, no ano em que ia completar os 80 anos de idade. Ele tinha feito um testamento em favor de sua esposa, para o caso de morrer primeiro, mas Prudence precedeu-o no repouso e assim ele deixou a sua casa e propriedade à casa publicadora adventista de Battle Creek. Os últimos anos passou-os em casa de sua filha, na cidade de Monterey, Michigan. Morreu confiante na esperança que abraçara e à qual dedicou a sua vida. Repousa em Monterey, ao lado da sua adorada Prudência.

James Joiner, obreiro da igreja, é autor do livro These Were the Courageous.

A Observância do Sábado

O Sábado é o sinal de Deus como Criador e Santificador.

Grandes bênçãos estão compreendidas na observância do sábado, e a vontade divina é que esse dia seja para nós de deleites. Grande júbilo presidiu à instituição do sábado. Contemplando com satisfação as coisas que criara, Deus declarou «muito bom» tudo quanto fizera (Gén. 1:31). O Céu e a Terra vibravam então de alegria. «As estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam» (Job 38:7). Embora o pecado tivesse sobrevindo e mareado a perfeita obra divina, o Senhor dá-nos no sábado o testemunho de que um Ser onnipotente, infinito em misericórdia e bondade, é o Criador de todas as coisas. É intuito do Pai Celestial preservar entre os homens, mediante a observância do sábado, o conhecimento de Si mesmo. O Seu desejo é que o sábado nos aponte a Ele como o único Deus verdadeiro, e pelo conhecimento d'Ele possamos ter vida e paz.

Ao livrar o Senhor o Seu povo de Israel do Egito e confiar-lhes a Sua lei, ensinou-lhes que, pela observância do sábado, deveriam distinguir-se dos idólatras. Este deveria ser o sinal da diferença entre os que reconheciam a soberania de Deus e os que recusavam aceitá-l'O como seu Criador e Rei. «Entre Mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre», disse o Senhor. «Guardarão pois o sábado os filhos de Israel, celebrando o sábado nas suas gerações por concerto perpétuo» (Êxo. 31:17 e 16).

Assim como o sábado foi o sinal que distinguiu Israel quando saiu do Egito para entrar em Canaã, é, também, o sinal que deve distinguir o povo de Deus que sai do mundo para entrar no repouso celestial. O sábado é um sinal de afinidade entre Deus e o Seu povo,

sinal de que este honra a Sua lei. É o distintivo entre os fiéis súbditos de Deus e os transgressores.

Do meio da coluna de nuvens, Cristo declarou, acerca do sábado: «Certamente guardareis os Meus sábados; porquanto isso é um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica» (Êxo. 31:13). Dado ao mundo como o sinal do Criador, o sábado é também o sinal de Deus como nosso Santificador. O Poder que criou todas as coisas é o que torna a restaurar a alma à Sua própria semelhança. Para os que guardam o sábado, esse dia é o sinal da santificação. A verdadeira santificação consiste na harmonia com Deus, na imitação do Seu carácter. Essa harmonia e semelhança são alcançadas pela obediência aos princípios que são o transunto do Seu carácter. E o sábado é o sinal da obediência. Aquele que de coração obedecer ao quarto mandamento, obedecerá a toda a lei. Será santificado pela obediência.

A nós, como a Israel, o sábado é dado «em concerto perpétuo». Para os que reverenciam o Seu santo dia, o sábado é um sinal de que Deus os reconhece como Seu povo eleito, o penhor de que cumprirá para com eles o Seu concerto. Qualquer alma que aceitar esse sinal do governo de Deus, coloca-se a si mesma sob o concerto divino e perpétuo. Liga-se assim à áurea cadeia da obediência, cada elo da qual representa uma promessa.

De todos os dez preceitos, só o quarto contém o selo do grande Legislador, Criador dos céus e da Terra. Os que obedecem aos Seus mandamentos tomam-Lhe o nome, e todas as bênçãos que esse nome implica lhes serão ga-

rantidas. «E falou o Senhor a Moisés, dizendo: Fala a Aarão e a seus filhos, dizendo: Assim abençoareis os filhos de Israel, dizendo-lhes:

O Senhor te abençoe e te guarde:
O Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti,
E tenha misericórdia de ti:
O Senhor sobre ti levante o Seu rosto, e te dê a paz.
Assim porão o MEU NOME sobre os filhos de Israel,
E Eu os abençoarei» (Núm 6:22-27).

Por intermédio de Moisés, foi feita a seguinte promessa: «O Senhor te confirmará para Si por povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do Senhor teu Deus, e andares nos Seus caminhos. E todos os povos da Terra verão que és chamado pelo NOME do Senhor. (...) E o Senhor te porá por cabeça e não por cauda; e só estarás em cima e não debaixo, quando obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno para os guardar e fazer» (Deut. 28:9-13).

Falando da inspiração divina, diz o salmista:

«Vinde, cantemos ao Senhor:
Cantemos com júbilo à Rocha da nossa salvação. (...)
Apresentemo-nos ante a Sua face com louvores,
E celebremo-l'O com salmos.
Porque o Senhor é Deus grande,
E Rei grande acima de todos os deuses.
Nas Suas mãos estão as profundezas da Terra,
E as alturas dos montes são Suas.
Seu é o mar, pois Ele o fez,
E as Suas mãos formaram a terra seca.
Ó, vinde, adoremos, e prostremo-nos:

E. G. White

Ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.

Porque Ele é o nosso Deus

E nós, povo do Seu pasto e ovelhas da Sua mão» (Sal. 95:1-7; 100:3).

Essas promessas, feitas a Israel, são-nos também ao povo de Deus, hoje em dia. São as mensagens que o sábado nos traz.

Reforma na observância do sábado

O sábado é um elo de ouro que une a Deus o Seu povo. Mas o preceito do sábado tem sido violado. O dia santificado por Deus tem sido profanado. O sábado foi, pelo homem do pecado, deslocado de seu legítimo lugar, sendo exaltado em lugar dele um dia comum. Foi praticada na lei uma brecha que tem que ser reparada. O verdadeiro sábado tem que ser restituído à sua legítima condição de divino dia de repouso. No capítulo 58 de Isaías está esboçada a obra que o povo de Deus deve executar. Cumpre-lhe engrandecer a lei e torná-la gloriosa, edificar os lugares antigamente assolados, levantar os fundamentos de geração em geração. Aos que não-de realizar essa obra, diz Deus: «E chamar-te-ão reparador das roturas, restaurador de veredas para morar. Se desviares o teu pé do sábado, e de fazer a tua vontade no Meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso, e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da Terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacob; porque a boca do Senhor o disse» (Vs. 12-14).

A questão do sábado será o ponto controverso no grande conflito final em que o mundo inteiro há-de ser envolvido. Os homens exaltaram os princípios do diabo acima dos que regem os Céus. Aceitaram o sábado espúrio instituído por Satanás como o sinal de sua autoridade. Entretanto, Deus imprimiu o Seu selo ao Seu estatuto real. Cada instituição sabática traz o nome do Seu Autor, a marca indestrutível que revela Sua autoridade. A nossa missão é levar o povo a compreender isto. Devemos mostrar-lhes no que importa trazer o sinal do reino de Deus ou do reino da rebelião, porque cada qual se reconhece súbdito do reino cujo distinti-

vo aceita. Deus chamou-nos para desfaldar o estandarte do Seu sábado, que está sendo calcado a pés. Que importância tem, pois, que o nosso exemplo de guardar o sábado seja correcto!

Ao estabelecerem novas igrejas, os ministros devem dar instruções cabais quanto à maneira correcta de observar o sábado. Devemos acautelar-nos de que os costumes frouxos que prevalecem entre os observadores do domingo não sejam adoptados pelos que professam observar o dia de repouso de Deus. A fronteira de demarcação entre os que ostentam o sinal do reino de Deus e os que trazem o do reino da rebelião deve ser traçada de modo claro e inequívoco.

Há maior santidade no sábado do que lhe atribuem muitos que professam observá-lo. O Senhor tem sido grandemente desonrado por parte dos que não têm observado o sábado conforme o mandamento, quer na letra, quer no espírito. Ele sugere uma reforma da observância do sábado.

Preparação para o Sábado

O Senhor inicia o quarto mandamento com esta expressão: «Lembra-te». Ele previu que, no meio de cuidados e perplexidades, o homem seria tentado a eximir-se à responsabilidade de satisfazer todos os reclamos da lei, ou a esquecer-se da sua sagrada importância. Por isso, diz: «Lembra-te do dia do sábado, para o santificar» (Êxo. 20:8).

Durante toda a semana cumpre-nos ter em mente o sábado e fazer a indispensável preparação para observá-lo conforme o mandamento. Não devemos observá-lo simplesmente como objecto da lei. Devemos compreender as suas relações espirituais com todos os negócios da vida. Todos os que considerarem o sábado um sinal entre eles e Deus, revelando que Ele é o Deus que os santifica, não-de representar condignamente os princípios de Seu governo. Praticarão dia a dia os estatutos de Seu reino, orando continuamente a Deus para que a santificação do sábado sobre eles repouse. Cada dia terão a companhia de Cristo, exemplificando-Lhe a perfeição de carácter. Dia a dia, a sua luz refulgirá para outros em boas obras.

Em tudo quanto se relaciona com a obra de Deus, as primeiras vitórias devem ser alcançadas na vida doméstica.

Aí é que deve começar a preparação para o sábado. Durante toda a semana compete aos pais lembrar que o seu lar precisa ser uma escola em que os filhos sejam preparados para o Céu. Sejam justas as suas palavras. Expressão alguma que aos filhos não convém ouvir deverá proceder de seus lábios. Seja o espírito mantido livre de toda a irritação. Durante a semana os pais devem proceder como em presença de Deus, que lhes deu os filhos para serem educados para Ele. Educar no lar a pequena igreja de modo a que no sábado possa estar preparada para render culto a Deus no Seu santuário. Todas as manhãs e tardes apresentai a Deus os vossos filhos como Sua herança remida com sangue. Ensinai-lhes que o seu principal dever e privilégio é amar e servir a Deus.

Deverão os pais ter particular cuidado em tornar o culto de Deus uma lição objectiva para os filhos. Os seus lábios devem proferir mais amiúde passagens das Escrituras, principalmente as que dispõem o coração para a prática da religião. As seguintes palavras do salmista devem ser frequentemente repetidas: «Ó minha alma, espera somente em Deus, porque d'Ele vem a minha esperança» (Sal. 62:5).

Quando o sábado é lembrado desta forma, as coisas temporais não influirão sobre o exercício espiritual de modo a prejudicá-lo. Nenhum serviço atinente aos seis dias de trabalho será deixado para o sábado. Durante a semana, teremos o cuidado de não exaurir as energias com trabalho físico a ponto de, no dia em que o Senhor repousou e Se restaurou, estarmos fatigados demais para tomar parte no Seu culto.

Embora a preparação para o sábado deva prosseguir durante toda a semana, a sexta-feira é, por excelência, o dia da preparação. Por intermédio de Moisés, disse o Senhor a Israel: «Amanhã é o repouso, o santo sábado do Senhor: o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água: e tudo o que sobejar, ponde em guarda para vós até amanhã.» «Espalhava-se o povo, e o [maná] colhia, e em moínhos o moía, ou num gral o pisava, e em panelas o cozia, e dele fazia bolos.» (Êxo. 16:23; Núm. 11:8.) Tinham, pois, alguma coisa a fazer para preparar o pão que lhes era enviado do Céu, e o Senhor lhes

ordenou que o fizessem na sexta feira, o dia da preparação. Ia nisto uma prova para Israel. Deus queria prová-los, se guardariam ou não o Seu santo sábado.

Estas instruções provenientes dos próprios lábios de Deus são para nosso ensino. A Bíblia é um guia perfeito, e se as suas páginas forem estudadas com oração e com espírito disposto a compreender, ninguém necessita estar em erro a esse respeito.

Muitos precisam ser instruídos quanto ao modo de se apresentarem nas reuniões para o culto do sábado. Não devem comparecer à presença divina com roupa usada no serviço durante a semana. Todos devem ter um traje especial para assistir aos cultos de sábado. Conquanto não seja lícito adaptar-nos às modas do mundo, a nossa aparência exterior não nos deve ser indiferente. Devemos vestir-nos com asseio e elegância, posto que sem luxo e sem adornos. Os filhos de Deus devem estar limpos interior e exteriormente.

Na sexta-feira deverá ficar terminada a preparação para o sábado. Tende o cuidado de pôr toda a roupa em ordem e deixar cozido o que houver para cozer. Escovai os sapatos e tomai o vosso banho. É possível deixar tudo preparado, se se tomar isto como regra. O sábado não deve ser empregado em consertar roupa, cozer o alimento, nem em divertimentos ou quaisquer outras ocupações mundanas. Antes do pôr-do-sol, ponde de parte todo o trabalho secular, e fazei desaparecer os jornais profanos. Explicai aos filhos esse vosso procedimento e induzi-os a ajudarem na preparação, a fim de se observar o sábado segundo o mandamento.

Devemos observar cuidadosamente os limites do sábado. Lembrai-vos de que cada minuto é tempo sagrado. Sempre que possível, os patrões deverão conceder aos empregados as horas que decorrem entre o meio-dia de sexta-feira e o começo do sábado. Dai-lhes tempo para a preparação, a fim de poderem saudar o dia do Senhor com sossego de espírito. Procedendo, assim, não sofrerão nenhum prejuízo, nem mesmo quanto às coisas temporais.

Há ainda outro ponto a que devemos dar a nossa atenção no dia da preparação. Nesse dia todas as divergências

existentes entre irmãos, tanto na família como na igreja, devem ser removidas. Afaste-se da alma toda a amargura, ira ou ressentimento. Com espírito humilde «confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis». (Tiago 5:16).

Antes de começar o sábado, tanto a mente como o físico devem desembaraçar-se de todos os negócios seculares. Deus colocou o sábado ao final dos seis dias de trabalho, para que o homem aí se detenha e considere o que lucrou, durante a semana finda, em preparativos para aquele reino de pureza, a que nenhum transgressor será admitido. Devemos, cada sábado, ajustar contas com nossa alma, a fim de averiguar se a semana finda nos trouxe lucro ou prejuízo espiritual.

Santificar o sábado ao Senhor importa em salvação eterna. Diz Deus: «Aos que Me honram honrarei» (I Sam. 2:30).

O Sábado na família

Antes do pôr-do-sol, todos os membros da família devem reunir-se para estudar a Palavra de Deus, cantar e orar. A este respeito estamos necessitados duma reforma, porque muitos há que se estão tornando remissos. Temos que confessar as faltas a Deus e uns aos outros. Devemos tomar disposições especiais para que cada membro da família possa estar preparado para honrar o dia que Deus abençoou e santificou.

Não deveis perder as preciosas horas do sábado, levantando-vos tarde. No sábado a família deve levantar-se cedo. Despertando tarde, é fácil atrapalhar-se com a refeição matinal e a preparação para a Escola Sabatina. Disso resulta pressa, impaciência e precipitação, dando lugar a que a família se possua de sentimentos impróprios desse dia. Destarte profanado, o sábado torna-se um fardo, e sua aproximação será para ela antes motivo de desgosto do que de regozijo.

Não devemos, no sábado, aumentar a quantidade de alimento ou preparar maior variedade do que noutros dias. Ao contrário, a refeição no sábado deve ser mais simples, convindo comer menos do que comumente, a fim de ter o espírito claro e em condições de compreender os temas espirituais. A ali-

mentação em excesso entorpece a mente. As mais preciosas verdades podem ser ouvidas sem serem apreciadas, por estar a mente obscurecida por um regime alimentar impróprio. Por comer demais aos sábados, muitos têm contribuído mais do que imaginam para desonrar a Deus.

Embora deva a gente abster-se de cozinhar aos sábados, não é necessário ingerir a comida fria. Em dias frios, convém aquecer o alimento preparado no dia anterior. As refeições, posto que simples, devem ser apetitosas e atraentes. Trate-se de arranjar qualquer prato especial, que a família não costuma comer todos os dias.

No culto familiar, tomem parte também as crianças, cada qual com a sua Bíblia, lendo dela um ou dois versículos. Cante-se então um hino preferido, seguido de oração. Desta, Cristo nos deixou um modelo. A oração do Senhor não foi destinada para ser simplesmente repetida como uma fórmula, mas é uma ilustração de como devem ser as nossas orações: simples, fervorosas e abarçantes. Em singela petição, contai ao Senhor as vossas necessidades e exprimi gratidão por Suas mercês. Deste modo saudareis a Jesus como hóspede bem-vindo em vosso lar e coração. Em família, convém evitar orações longas e sobre assuntos remotos. Essas orações enfadavam, em vez de constituírem um privilégio e uma bênção. Fazei da hora da oração um momento delectável e interessante.

A Escola Sabatina e o culto de pregação ocupam apenas uma parte do sábado. O tempo restante poderá ser passado em casa e ser o mais precioso e sagrado que o sábado proporciona. Os pais, boa parte desse tempo deverão passar com os filhos. Em muitas famílias, os filhos menores são abandonados a si próprios, a fim de se entreterem como melhor puderem. Abandonadas a si mesmas, as crianças em breve ficam inquietas e começam a brincar ou a ocupar-se de coisas ilícitas. Deste modo o sábado perde para elas a sua importância sagrada.

Quando faz bom tempo, deverão os pais sair com os filhos a passeio pelos campos e matas. Em meio às belas coisas da natureza, expliquem-lhes a razão da instituição do sábado. Descrevam-lhes a grande obra da criação

de Deus. Contem-lhes que a Terra, quando Ele a fez, era bela e sem pecado. Cada flor, arbusto e árvore correspondiam ao propósito divino. Tudo sobre o que o homem pousava o olhar, o deleitava, sugerindo-lhe pensamentos do amor divino. Todos os sons eram harmônicos, e em consonância com a voz de Deus. Mostrai-lhes que foi o pecado que mareou essa obra perfeita; que os espinhos, cardos, aflição, dor e morte são o resultado da desobediência a Deus. Fazei-lhes notar, também, que, apesar da maldição do pecado, a Terra ainda revela a bondade divina. As campinas verdejantes, as árvores altas, o alegre Sol, as nuvens, o orvalho, o silêncio solene da noite, a magnificência do céu estrelado, a beleza da Lua, dão testemunho do Criador. Não cai do céu uma só gota de chuva, raio de luz nenhum incide sobre este mundo ingrato, sem testificar da longanimidade e do amor de Deus.

Falai-lhes do plano da salvação; que «Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16). Repeti-lhes a doce história de Belém. Apresentai-lhes como Jesus foi filho obediente aos pais, como foi jovem fiel e diligente, ajudando a prover o sustento da família. Desse modo lhes podeis dar a entender também que o Salvador conhece as provações, dificuldades e tentações, esperanças e alegrias da mocidade, estando por isso em condição de lhes dar simpatia e apoio. De quando em quando, lede-lhes as interessantes histórias contidas na Bíblia. Perguntai-lhes acerca do que aprenderam na Escola Sabatina, e estudai com eles a lição do sábado seguinte.

Ao pôr-do-sol, elevai a voz em oração e cânticos de louvor a Deus, celebrando o findar do sábado e pedindo a assistência do Senhor para os cuidados da nova semana.

Deste modo os pais poderão fazer do sábado o que na realidade ele deve ser, isto é, o mais alegre dos dias da semana, induzindo assim os filhos a considerá-lo um dia deleitoso, o dia por excelência, santo ao Senhor e digno de honra.

Validade e Perenidade do Sábado*

Só se Deus deixasse de ser o Criador se extinguiria o memorial da Sua criação.

A palavra *Sábado* deriva do hebraico «Shabbath», que significa «cessação», «descansar», «(dia de) descanso», «guardar o Sábado».

O Sábado está incluído no quarto mandamento da lei de Deus, os *Dez Mandamentos*. Foi o próprio Deus que os escreveu, com o Seu dedo, em tábuas de pedra, e os deu a Moisés, no Monte Sinai. (Ver Êxo. 31:18; Deut. 5:32.)

As palavras do mandamento do Sábado são estas: «Lembra-te do dia do sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou» (Êxodo 20:8-11).

Se este mandamento foi abolido, então todos os outros o foram, porque ele faz parte duma unidade indivisível e indissociável. Mas desta lei, Jesus disse: «É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei.» (Luc. 16:17). E ainda: «Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido» (Mat. 5:17-18).

Achamos muito mais sábio acatar as palavras de Jesus do que as expli-

cações de homens. Por outro lado, Deus diz que o «sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus» e que «abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou» (Êxo. 20:10-11). Agora pergunto: Quando é que o «sétimo dia» deixou de ser o «sábado do Senhor teu Deus»? E quando é que Deus retirou dele a sua bênção e santificação? Estas são perguntas que devemos fazer, honesta e sinceramente, a nós mesmos, antes de aceitarmos explicações que parecem muito lógicas, mas que torcem as Escrituras.

Se Deus foi tão zeloso, escrupuloso e explícito em escrever, Ele próprio, os Dez Mandamentos em tábuas de pedra, e não confiou esta tarefa a Moisés, certamente que teria escrito igualmente outro mandamento a substituir este para dizer explicitamente que a partir da morte de Cristo na cruz o Seu povo deveria guardar ou observar o Domingo ou nenhum dia. Mas Ele não o fez. E se no passado não atribuiu tal tarefa a Moisés, tão-pouco a atribuiu a nenhum dos apóstolos. E, se tal tivesse acontecido, porque haveriam os apóstolos e discípulos de continuar a repousar «conforme o mandamento» e a reunir-se no dia de Sábado? (Ver Luc. 23:54-56; Actos 13:14, 27, 42, 44; 15:21; 16:13; 17:2; 18:4.)

Os Dez Mandamentos, que Deus

* Este artigo foi escrito com o propósito de firmar a nossa convicção quanto à santidade e perenidade do Sábado e também para nos preparar a responder a quem nos perguntar a razão da nossa observância sabática.

deu a Moisés no Sinai, eram uma cópia do original que se encontra na arca do concerto que João viu no templo do céu. (Apoc. 11:19). E como tal são eternos e imutáveis. (Sal. 111:7-8; 119:89, 142, 150-152, 160.)

Deus estabeleceu o sétimo dia, o Sábado, como memorial da Sua criação, «porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou» (Êxodo 20:11). Portanto, só quando Deus deixar de ser o Criador é que o Sábado, o sétimo dia, deixará de ser também o dia do Senhor e o memorial da Sua criação.

O povo de Deus nos últimos dias será caracterizado por guardar «os mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12). Esta é a característica que distinguirá os verdadeiros filhos de Deus. E é isto mesmo o que diz o profeta Malaquias (3:18) ao referir-se à vinda do Senhor: «Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que o não serve.»

Em Deuterónimo 4:13 e Êxodo 34:28 diz-se que o concerto de Deus é os Dez Mandamentos. E no Salmo 89:34, Deus diz: «Não quebrarei o meu concerto, não alterarei o que saiu dos meus lábios.» Creremos então nestas palavras de Deus ou nas explicações de homens? A escolha é, logicamente, de cada um de nós.

Gostaria de referir que Deus nunca pretendeu, ao dar os Dez Mandamentos, incluindo o 4º — que ordena a santificação do sétimo dia, o sábado — que eles fossem um meio de salvação, mas sim que fossem a **norma de conduta para o Seu povo**, tanto dos tempos do antigo como do moderno Israel. Os Adventistas do Sétimo Dia nunca ensinaram que os pecadores são salvos pela obediência ao mandamento do sábado ou a qualquer outro mandamento. Afirmam, isso sim, que os pecadores são salvos *do* pecado e não *no* pecado, unicamente pela fé em Cristo, para viverem em novidade de vida, isto é, não mais na desobediência aos mandamentos de Deus, mas em obediência a eles. Assim passam a obedecer a Deus *não para* estarem em Cristo, *mas porque* estão em Cristo. (Ver II Cor. 5:17; Efés. 2:8-10.) Notemos

bem as palavras de Efésios 2:10: «Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para *as boas obras*, as quais Deus preparou para que *andássemos nelas*» (itálico nosso). Estas «boas obras» *não* são para nos salvarmos, porque não há obra ou obras que o homem possa fazer para se salvar do pecado e obter o perdão da sua culpa. São o fruto de estarmos em Cristo, de estarmos salvos n'Ele. Elas (as «boas obras») evidenciam se aceitámos ou não a salvação de Deus, se estamos no lado de Deus e da obediência ou no lado de Satanás e da rebelião e desobediência.

Para aqueles que crêem ou ensinam que o Sábado foi *só* para os judeus, será bom considerarem que o Senhor Jesus esclareceu perfeitamente este ponto, ao afirmar: «O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado» (Mar. 2:27). A palavra «homem», aqui, do grego «anthropos», significa literalmente «uma pessoa», «ser humano» ou «humanidade», que inclui, como é óbvio, homens, mulheres e crianças. E isto significa que o Sábado se destina a *todos* os homens e em *todos* os lugares. Se assim não fosse, teria Jesus feito esta afirmação?

Em Êxodo 31:16-17, vemos que Deus ordenou aos filhos de Israel para guardarem o Sábado «por concerto perpétuo» e que isso seria um «sinal para sempre» entre Ele e eles. E em Hebreus 8:8-10, o apóstolo transcreve as palavras de Jeremias 31:31-34, acerca do «novo concerto» que Deus faria «com a casa de Israel e com a casa de Judá». Ora, se ninguém du-

vida que este «novo concerto» se aplica aos cristãos, apesar de aí se referir claramente «casa de Israel» e «casa de Judá», porque terão, então, tanta dificuldade, certos cristãos, em compreender e aceitar que o sábado deve ser também guardado por eles, «por concerto perpétuo»? Não é um facto que *todos* os que são de Cristo, são também descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa? (Gál. 3:29). Então somos só herdeiros das promessas e não o somos também dos deveres e obrigações?

O recente Catecismo Católico, impresso em Coimbra, no ano passado, diz o seguinte a respeito do mandamento do Sábado, pág. 466, n.º 2172: «O agir de Deus é o modelo do agir humano. Se Deus «descansou» ao sétimo dia (Êx. 31, 17), o homem deve também «descansar» e deixar que os outros, sobretudo os pobres, «tomem fôlego» (Êx. 23, 12). O sabbat faz cessar os trabalhos quotidianos e conceder uma folga. É um dia de protesto contra as servidões do trabalho e o culto do dinheiro.»

Para concluir, gostaria apenas de referir o seguinte: Se o Sábado tivesse sido abolido, como muitos ensinam, então como explicar Apocalipse 7:1-4; 13:14-17; 14:1-5, 9-11; 16:2; 20:4. **O que é, afinal, o sinal ou selo de Deus que se contrapõe ao sinal ou marca da besta?** A interpretação correcta destas passagens ajudar-nos-á, sem dúvida, a chegar a uma conclusão acertada e iniludível.

Manuel Nobre Cordeiro é pastor das igrejas de Coimbra e Serpins.

Curso de Formação Permanente para Membros de Igreja

Oliveira do Douro, 31 de Julho a 14 de Agosto

Disciplinas a ser ministradas:

1. Introdução ao Novo Testamento
2. Técnicas de Evangelismo — a cargo do Pr. Manuel N. Cordeiro
3. Desenvolvimento Histórico das Doutrinas Adventistas
4. Organização Eclesiástica — a cargo do Pr. Ernesto Ferreira

Serão também tratados, a propósito destes temas, assuntos de palpante interesse e actualidade. Será uma experiência única. Não falte. Increva-se já!

«Eu sei que Deus vos enviou»

Praga é uma das cidades mais bonitas da Europa, mas não vou falar aqui da sua beleza, por esse não ser o objectivo destas experiências de «Encontro com Jesus». Mesmo assim, permitam-me que por breves segundos vos leve nas asas da imaginação à capital da República Checa, para passear nas suas ruas sempre muito limpas, onde João Huss, um dos grandes reformadores, pregou. Atravéssemos o rio Vltava, passando pela famosa ponte mandada construir por Carlos IV do Luxemburgo, no ano de 1348, uma ponte lindíssima, onde se misturam vendedores de artesanato e músicos, tocando todo o género de instrumentos. Até tive a oportunidade de ver tocar ali um piano de cauda. Subamos ao castelo real e deliciemo-nos na contemplação das coroas reais, algumas cravejadas de pérolas raras, de safiras, rubis, diamantes e mais não digo. Podemos também visitar a catedral gótica, com o seu famoso relógio que apresenta a cada hora o Senhor Jesus seguido dos Seus doze discípulos. Ficaremos surpreendidos com o falar deste povo, que constrói frases inteiras sem vogais.

Hoje, quero falar-vos de um encontro que teve lugar nesta cidade, entre Cristo e uma numerosa família cigana. Certamente não ignoram que 5% da população

deste país é constituída por esta nobre raça, mas aqui como em muitos outros lugares, também há muito preconceito em relação aos ciganos. Pensa-se que de um momento para o outro ele podem zangar-se e agredir sem dar explicações e sem razões para isso.

Ora, tudo aconteceu quando apresentávamos o Seminário Maranata aos pastores da Associação da Boémia¹, em 1993. Como é hábito, na segunda-feira convidámos os pastores a ir de casa em casa, tal como o Senhor Jesus ensinou aos Seus discípulos. Naturalmente, os pastores são muito receptivos a esta forma de testemunhar, mas, às vezes, encontramos algumas excepções, e foi o que aconteceu desta vez. Um jovem pastor, achando que não tinha dom para ir de casa em casa, não teve a mais pequena relutância em manifestá-lo publicamente. Nós compreendemos a sua atitude e pedimos-lhe que, enquanto nós iríamos levar o Evangelho, ele ficasse no seu quarto e orasse por nós.

Formámos os nossos grupos de visitação, distribuímos os folhetos, as revistas *Sinais dos Tempos* e as folhas de sondagem de opinião, assim como plantas do território. E, armados com a Santa Palavra, partimos, certos de que O que disse «ide» nos acompanha-

ria, como, de facto, acompanhou. À noite, reunimo-nos para ouvir as experiências de uns e outros, e rapidamente pudemos sentir o enorme entusiasmo e estima que reinava entre todos. Para que possam compreender uma das razões deste entusiasmo, devo dizer-vos que neste país, assim como em todos os países de ex-regime comunista, era proibido testemunhar da fé publicamente. Por isso, era a primeira vez que estes pastores viviam este tipo de experiência.

Um grupo contou que tinha encontrado o reitor de uma das faculdades mais importantes de Praga e que este, depois de os ouvir, os tinha convidado a irem uma tarde falar aos alunos e professores; outros tinham encontrado membros do Governo, os quais tinham sido muito receptivos; havia famílias que tinham aceitado com alegria fazer o curso bíblico. Todos tínhamos motivos de sobra para estar satisfeitos e louvar o maravilhoso nome de Jesus.

Todas as tardes a experiência se repetia e os testemunhos eram vivos e entusiastas. Só o nosso jovem pastor continuava aparentemente indiferente. Sexta-feira, todos os obreiros deveriam voltar aos seus lares, para poderem assistir as suas igrejas durante o Sábado. Acompanhado do pastor Miroslav Kisilco, presi-

dente da Associação da Boémia e meu tradutor (ele fala perfeitamente o francês), fomos almoçar, por volta das 13h, ao refeitório do Seminário Adventista de Teologia de Praga. Ficámos extremamente surpreendidos quando vimos o nosso jovem pastor entrar ofegante e gritando: «Pastor Costa! Pastor Costa!» Manifestei-lhe a minha surpresa pela sua presença, pois ele já devia estar em viagem para casa. Então ele começou a relatar-nos a sua experiência:

«Esta noite não consegui conciliar o sono, o meu espírito estava perturbado. Como poderia voltar para casa, sabendo que amanhã todos os meus colegas irão contar os belos momentos vividos durante esta semana e eu não tinha nada para dizer? A menos que falasse da minha timidez. Esta manhã levantei-me, sabendo exactamente o que devia fazer. Peguei na minha Bíblia, nas revistas e folhas de sondagem, e, sozinho, fui de casa em casa. Foi muito difícil, porque encontrei muitas pessoas que me disseram que já tinham sido visitadas ao longo da semana pelos adventistas. A certa altura, e depois de ter visitado um enorme edifício sem encontrar uma só pessoa que me recebesse, cheguei a admitir que, afinal, não tinha mesmo nenhum dom para esta forma de par-

José Carlos Costa

tilhar o Evangelho. Encontrava-me no rés-do-chão, pronto a desistir, mas ao olhar à minha esquerda, constatei que ainda não tinha visitado a cave. Desci e fiquei um pouco surpreendido de ver a porta do apartamento em tão mau estado. Bati e, poucos segundos depois, encontrava-me face a face com um enorme cigano que, com a sua temível voz, me perguntou o que é que eu queria. Sem saber muito bem o que dizia, consegui balbuciar que era cristão e pretendia testemunhar da minha fé no Filho de Deus, o qual me amou e Se entregou por mim. Num tom afável, fui convidado a entrar e a aguardar, numa sala despida de móveis. Passaram-se alguns minutos e, para acalmar o meu ritmo cardíaco, comecei a orar. Momentos depois, notei que vozes se iam aproximando e, a seguir, uns doze homens olhavam-me em silêncio. Aquele que me tinha recebido tomou a palavra para dizer:

— Estes são os meus filhos e os meus genros. Esta manhã, ao pequeno-almoço, a discussão incidiu sobre a existência de Deus. Uns acreditam que Ele existe, outros, não. Como a conversa começou a azedar-se, tive que os interromper e disse-lhes que se Deus existe, é Ele que deve manifestar-Se. O senhor está aqui e eu creio que é Ele que o envia, portanto, fale!

«Pastor Costa, eu falei, mas estou convencido que o Espírito do Senhor falou por mim, porque, pouco tempo depois, eles escutavam-me com muito respeito e, emocionados, convidaram-me a voltar, e estão muito inte-

ressados em saber mais acerca da vontade d'Aqule que criou o céu, o mar e a terra. Estou tão feliz! Creio que nunca vivi uma experiência tão evidente no que diz respeito à vontade de Deus para mim. Eu sei que este é um plano dirigido por Ele e que o Seu povo deve perder a timidez e avançar com ousadia. Pela minha parte, sei o que vou dizer e fazer, a partir de agora no meu ministério. Estou-lhe muito agradecido.»

Abraciei o jovem pastor com sincera amizade e alegria e disse-lhe que é a Jesus que devemos dar toda a glória, honra e louvor.

Foi assim que uma família cigana encontrou a Jesus e foi assim que o evangelho começou a ser anunciado entre esta nobre raça, na República Checa.

— Se o leitor, meu querido irmão ou irmã, pensa que não tem o dom para obedecer à ordem «Ide», então são para si estas palavras da serwa do Senhor: «Foi no momento quando eles iam partir para anunciar o Evangelho que os primeiros discípulos receberam o Poder do alto em resposta às suas orações sinceras.» — *Testimonies*, vol. VIII, p. 15.

Aquele que nos chama é também O que nos capacita. Ele quer ter um encontro com alguém hoje, e conta consigo.

1. A Boémia é uma província da República Checa.

O Pr. José Carlos Costa é departamental do Ministério Pessoal da DEA, com sede na Suíça.

TESTEMUNHO

As nossas escolas dão fruto Para a vida eterna

A minha filha foi uma criança muito desejada. A sua concepção foi algo bem planeado, tendo eu feito uma preparação cuidadosa, quer física quer psicológica, na minha perspectiva, a mais adequada ao momento maravilhoso que iria seguir-se: a maternidade. Tudo aconteceu com mais ou menos incidentes que, de uma forma geral, se podem considerar normais. No dia do meu aniversário, fui mãe de uma Ana, e pude viver em mim o «milagre» do nascimento, que já tão bem conhecia, sem nunca, no entanto, o ter protagonizado.

Se cuidado e carinho coloquei no planeamento, mais procurei investir na educação. Quando chegou o momento de escolher a sua primeira escola, fiz uma análise cuidada das disponíveis que me poderiam interessar. Partii de alguns critérios definidos por mim e para mim. Recordei a minha vivência no colégio que frequentei há anos, assim como a adolescência, tão problemática e tão necessária ao desenvolvimento salutar de todos.

Decidi-me pelo CAOD (Colégio Adventista de Oliveira do Douro). Cheguei à conclusão que reunia as características que eu procurava: Um ideal Cristão, idoneidade intelectual e simplicidade na forma de ser e estar. Contactei a Directora pedagógica de então, com uma anteceden-

dência de um ano. Ainda recordei o seu ar surpreso por tanta antecedência.

A Ana ingressou no CAOD no 1.º ano. Hoje está no 5.º. Sempre partilhámos tudo, privilegiando o tempo para conversar. Fui estudando com ela a Bíblia que lhe era ensinada, dia a dia, no Colégio. Como é natural, rapidamente a ultrapassei. Comecei a compreender a Escritura e, ao mesmo tempo, a saciar a minha «fome espiritual». Continuei a procurar. A Preceptora de então, hoje minha grande amiga, Rosa Lopes, muito contribuiu para orientar o meu percurso nessa busca. Finalmente li *O Grande Conflito*. Sentime desarmada de argumentos e fraca nas minhas convicções anteriores. Depois de uma prática Católica devota e humilde, só me restou a transparência de uma Verdade que não se contradiz, e por isso pedi ao pastor Daniel Bastos, para me preparar para o Baptismo. No dia 5 de Fevereiro deste ano, desci às águas baptismas na igreja de Oliveira do Douro.

Embora recebido já em meados de Junho, estamos fazendo um esforço para incluir este testemunho na RA de Julho, dado o seu grande interesse. A sua autora, enfermeira de profissão, é mãe de uma aluna do CAOD e a primeira pessoa adulta a receber o baptismo na igreja do Colégio.

Maria Glória Meinedo Marques



Os pontos de partida de uma teologia do Sábado, segundo Génesis 2:1-3

1. Observações preliminares

A compreensão adventista do sábado repousa — figurativamente falando — sobre três pilares: o sábado primitivo (Gén. 2:1-3), o quarto mandamento (Êxodo 20:8-11) e Jesus Cristo como Senhor do Sábado (Mar. 2:27 e 28).

O significado de uma instituição reside na sua origem. A narrativa da criação, em Génesis 2:1-3, contém em embrião todas as dimensões do dia de repouso bíblico. As linhas particulares foram delineadas e desenvolvidas na história da salvação. Avançaremos nas nossas reflexões de forma a examinar, na primeira parte, o contexto da narrativa da criação, e na segunda parte analisaremos a própria narrativa.

Em todas as nossas reflexões, partimos da hipótese de que Génesis 1-3 fala de acontecimentos que tiveram lugar pela acção de Deus ou do homem no tempo e no espaço

2. O contexto de Génesis 2:1-3

2.1 O contexto de Gén. 2:1-3 na narrativa da Criação

A narrativa da instituição do dia de repouso bíblico constitui o centro das duas partes da narrativa da criação, a qual começa em Génesis 1:1 e termina em Génesis 2:25. A criação do sétimo dia forma o ponto de junção entre as duas partes da narrativa da criação. Ela divide a narrativa em duas partes que, simultaneamente, une também. A primeira parte descreve a acção de Deus durante a obra de seis dias. Cada dia, Deus dá forma à matéria, indo direito ao objectivo que Se fixou, para obter formas cada vez mais elevadas. No sexto dia, finalmente, Deus criou o homem à Sua imagem (Gén. 1:27). Tudo o que Deus tinha criado anteriormente visava esta obra final.

A criação do homem, no sexto dia, revela que o próprio homem faz parte da criação. Ele é um ser que se encontra numa relação especial com o mundo criado. Mas é o sétimo dia que concretiza o facto de o homem ser feito à imagem de Deus e é isso que o faz sobressair do resto da criação. No sétimo dia Deus coloca-Se numa relação especial com a Sua criação e faz o homem entrar nesta relação.

Na segunda parte da narrativa da criação, que se inicia em Génesis 2:4, começa a história do homem. Deus oferece ao homem, saído das Suas mãos, um espaço criado especialmente para ele: «o Jardim do É-

den». Neste espaço, o homem pode viver e trabalhar (2:15), encontrar-se com a sua companheira (2:22, 23), mas, sobretudo, tem oportunidade de pôr à prova a sua confiança em Deus (2:16, 17). Enquanto que em Génesis 1 o olhar se volta de maneira universal sobre toda a terra criada e que vai dar ao sétimo dia (*Elohim*), em Génesis 2 o sétimo dia é o ponto de partida da história humana (*Jahwha*). A criação e a história são reunidas pelo sétimo dia. O sétimo dia engaja a história humana, isto é, a história do homem na sua comunhão com Deus.

2.2. O contexto do tempo

Na Sua obra de seis dias, Deus não criou somente a matéria e com ela o espaço. Onde existe espaço, tem também de haver tempo. Espaço e tempo estão mutuamente implicados. É por isso que, com a obra da criação, Deus criou também o tempo. Ele deu ao mundo criado coordenadas de tempo que asseguram a vida e a tornam possível. A narrativa da criação contém três declarações relacionadas com o tempo:

Em primeiro lugar, no fim de cada dia da criação, nós lemos uma frase: E foi a tarde e a manhã do dia primeiro, segundo, terceiro,

até ao sétimo. Deus determinou a unidade do tempo a que chamamos **dia** e dividiu-a em tarde e manhã, isto é, em **noite e dia**. A jornada de 24 horas depende da rotação da terra em volta do seu próprio eixo.

Em segundo lugar, no quarto dia da criação, Deus estabelece as bases para o homem poder contar e, conseqüentemente, regular, o seu tempo, segundo dias, meses e anos (Gén. 1:14). Os dias, meses e anos, sendo complementos de tempo, estão ligados ao espaço, nós não podemos anulá-los ou ab-rogá-los. Estamos envolvidos por eles e ligados a eles. Como ordem da Criação, como leis da natureza, eles determinam a nossa vida.

Em terceiro lugar, Deus, ao sétimo dia, dá uma outra coordenada de tempo à Sua criação. Deus aparta o sétimo dia da corrente do tempo e institui assim um determinado ritmo: 6+1. Este ritmo periódico, Deus o determina pela Sua vontade. O Criador enche o sétimo dia com valores que não têm a sua origem no espaço e no tempo, mas que estão ligados à Sua própria pessoa. Ao abençoar e santificar o sétimo dia, Deus dá uma nova qualidade divina ao nosso tempo.

Quais são as diferenças entre o sétimo dia e todas as outras coordenadas de tempo?

1. Dia e noite, meses e anos dependem unicamente dos astros. Por eles, o nosso tempo é determinado de maneira quantitativa. O sábado é um dom de tempo de Deus. As suas 24 horas estão colocadas à parte e ele é independente do curso dos astros. Nenhum corpo celeste determina que o sábado seja o dia de repouso de Deus. Mas através do Sábado, o nosso tempo é qualitativamente preenchido e recebe um determinado ritmo.

2. O homem não pode abolir as coordenadas naturais do tempo. Nós estamos ligados à alternância do dia e da noite. Ao ritmo das estações e dos anos, quer isso nos agrade ou não. Todavia, o sábado, como coordenada de tempo, depende unicamente da Palavra e da Vontade de Deus. O homem não está ligado a esta ordem divina por leis da natureza. Tem a liberdade de aceitar ou rejeitar o sétimo dia como dia de repouso de Deus.

3. O facto do homem estar ligado às coordenadas naturais dos dias, meses e anos mostra que ele faz realmente parte desta criação. Em contrapartida, através do Sábado, Deus eleva-o acima de tudo o que foi criado. Feito à imagem de Deus, ele tem liberdade de escolha. Pode aceitar ou recusar este tempo que Deus encheu de qualidade e lhe determinou. Assim, o sétimo dia tem, desde o início, um carácter de teste.

2.3. O contexto dos acontecimentos em Génesis 1 a 3.

O seguimento temporal

dos acontecimentos em Génesis 1 a 3 tem uma grande importância teológica. Após a obra de seis dias segue-se a instituição do dia de repouso escolhido por Deus. Ao lado deste dom, Deus dá ao homem a instituição do casamento (Gén. 2:24, 25). Temos razão de acentuar o facto de que o sábado e o casamento são dádivas que datam do paraíso. Este paralelismo é importante para as nossas reflexões.

1. O sábado e o casamento são elementos da criação de Deus de importância universal. Não é o homem que cria o casamento, casando-se. Ao realizá-lo, ele entra antes numa determinada ordem. Assim, o sétimo dia, abençoado e santificado por Deus, constitui uma determinada ordem independentemente do facto de o homem o santificar ou não.

2. O sétimo dia, que retorna periodicamente, não está ligado, tal como o casamento, a um povo particular. O casamento e o dia de repouso não são instituições judaicas. Têm antes a sua origem na acção criadora de Deus (Marc. 10:6). Através de um mandamento dado mais tarde, o casamento e o dia de repouso são particularmente protegidos. Mas nem o casamento nem o dia de repouso se tornam, por esse motivo, instituições judaicas. Cristo insiste no facto de que o Sábado foi feito para o homem (Marc. 2:27). Todo o ser humano deveria aproveitar as bênçãos do sétimo dia.

3. O sábado e o casamento foram instituídos por Deus antes da Queda. As duas instituições não foram dadas por Deus ao mundo caído, para proporcionar ao homem, estressado e esgotado pelo trabalho, um dia de calma e repouso, ou pa-

ra pôr ordem nas relações entre os sexos. Depois da Queda, nenhuma destas duas instituições divinas foi retirada ou anulada. Por conseguinte, num mundo perdido, o Criador continua a ser «o Senhor do sábado» (Marc. 2:28) e «o Senhor do casamento» (Marc. 10:6, 9).

4. Se o sábado foi instituído antes da Queda, ele não pode ter uma função cerimonial nem um significado cultural. Todas as instituições cerimoniais do Antigo Testamento são consequência da queda do homem e estão em relação com o pecado. É por isso que a morte do Filho de Deus não pode ter anulado o sábado. Se se pretender justificar a anulação ou a mudança do sábado com a morte e ressurreição de Jesus, como acontece frequentemente, cai-se numa contradição. O Criador não veio à Sua criação para alterar uma ordem válida, criada por Ele, nem para a anular, mas para anular as consequências do pecado e para vencer o autor do pecado (I João 3:8).

5. É por isso que o dia de repouso bíblico não é nem uma sombra que aponta para Jesus e que, com a morte do Filho de Deus, teria perdido o seu carácter obrigatório. Se o «sétimo dia for separado do Senhor do sábado, ele poderá, então tornar-se uma sombra sem significado. Mas o sábado como dia abençoado e santificado por Deus conserva sempre o seu significado.

3. A acção de Deus no sétimo dia da criação

A acção de Deus no sétimo dia encontra-se num nível diferente da Sua actividade durante os outros dias da criação. Nos outros dias, Deus falou pela Palavra que

ordena e tudo aconteceu. Ou então, colocou nela a Sua própria mão. Mas no sétimo dia, deparamos com uma obra nova, de um outro género: Deus **acabou** no sétimo dia toda a Sua obra. **Descansou** no sétimo dia. **Abençoou** o sétimo dia e o santificou (Gén. 2:2, 3). Esta obra de Deus, única no seu género, não passa pela Sua Palavra, mas está ligada à pessoa de Deus.

3.1. No sétimo dia, Deus acabou a Sua criação

Constatamos, na narrativa da criação, um triplo e notável acordo. No fim de cada dia da criação — com excepção do segundo — o Criador julga a Sua obra. O Seu juízo é unânime: «Bom». Na palavra hebraica (*tob*) encontra-se também o significado de «belo, de acordo com o objectivo, harmonioso». No fim do sexto dia, depois de Deus ter criado com as suas mãos o homem à Sua imagem, essa expressão intensifica-se: «Muito bom». Deus utiliza este «muito bom» ao ver o homem que reflecte a Sua imagem. Ao mesmo tempo, a expressão refere-se também a toda a criação, porque «viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom» (Gén. 1:31). A obra da criação é, em si mesma, boa e bela; contudo, na harmonia do conjunto e quando colocada em relação com todas as coisas criadas, ela torna-se «muito boa, muito bela, muito útil». Cada obra da criação encontra-se numa relação de reciprocidade com todas as coisas criadas por Deus. Ao tocar neste equilíbrio, e ao destruí-lo, nós redescobrimos hoje, de novo, a dependência interna de todas as coisas criadas (equilíbrio ecológico). O «muito bom»

é seguido por uma última declaração, que contém igualmente um juízo de valor sobre a criação (Gén. 2:2). O triplo acordo que soa através da narrativa da criação é, bom - muito bom - perfeito.

Com a criação do homem, a obra criadora de Deus alcançara o seu objectivo (Gén. 2:1). Mas Deus ainda não tinha chegado ao alvo da Sua Criação. No sétimo dia, Deus conduz a Sua criação em direcção ao objectivo. Durante seis dias Deus tinha formado a matéria pela Sua palavra criadora. Agora, no sétimo dia, Deus coloca o mundo criado em relação com Ele. Dito de outra maneira: O Criador, no sétimo dia, funda uma indestrutível relação com a Sua criatura. O Criador dá-*Se* a Si mesmo à Sua criação. Isto é a realização final. Sem esta relação com Deus toda a criação teria sido imperfeita. Ao terminar assim a Sua criação, no sétimo dia, Deus abre uma porta para o mundo, a qual permanecerá para sempre aberta, independentemente da escolha que o homem fizer. Deus permanecerá unido à Sua criação pelo Seu amor.

A obra particular de Deus no sétimo dia, a sua «conclusão», é desenvolvida no texto de maneira tripla. Encontramos de novo um triplo acordo divino. O sétimo dia é preenchido por uma tríplice acção da parte de Deus e assim a criação é concluída: Deus descansa, Deus abençoa, Deus santifica.

3.2. Deus descansou no sétimo dia

Deus descansou. Esta declaração simples, e todavia tão profunda, não deve ser entendida de modo antropomorfo. Nós descansamos porque estamos cansados,

no fim das nossas forças, porque tempos necessidade de nos revigorar. Deus repousou, mas não porque tivesse necessidade de repouso. Não temos um Criador que tenha esgotado as Suas forças na obra de seis dias e que seja obrigado a fazer uma pausa para retemperar as Suas forças. O repouso de Deus deve ser compreendido de maneira teoprofa. No sétimo dia, Deus colocou-*Se* a Si mesmo um limite, porque chegara ao fim da Sua criação. O homem, como «*imago Die*», era o seu objectivo. Certamente que Deus poderia ter continuado a criar, obras maiores, obras mais perfeitas.

Deus não descansou para terminar a Sua obra de criação. Descansou porque a criação estava terminada.

Mas no homem Ele encontrou «o objecto do Seu amor e já não tem necessidade doutras obras» (K. Barth). Deus não descansou para terminar a Sua obra de criação. Pelo contrário: porque a criação estava terminada, Ele parou de criar e descansou. Nesta narrativa encontramos duas vezes o verbo descansar, em hebreu *schatbat*. Aqui o sétimo dia ainda não é chamado **sábado**. O nome sábado aparece pela primeira vez como nome próprio (substantivo) no milagre do maná (Êxo. 16), e depois no quarto mandamento (Êxo. 20). Isto é significativo: porque Deus descansou no sétimo dia (*schatbat*), este dia obtém, mais tarde, a designação *schabat*. O sábado deve o seu

nome à acção de Deus. É por isso que este está ligado ao nome do seu Autor «o sábado do Senhor» (Êxo. 20:10), ou «o santo sábado do Senhor» (Êxo. 16:23). Assim, o sábado traz consigo o nome do seu Autor e, ao mesmo tempo, a acção que Ele realizou nesse dia, em favor da Sua criação. A dignidade e a distinção do sétimo dia fundamentam-*se* nessa relação de Deus com a Sua acção.

Deus descansou no sétimo dia. É evidente que o Seu repouso não está ligado a este dia. Deus repousa em Si mesmo de eternidade em eternidade. Mas Génesis 2 não fala disso. Fala

feito a não ser numa relação pessoal com Deus.

O primeiro dia de vida completo do homem é o dia do repouso de Deus que o homem pode celebrar com o seu Criador. Antes de começar o seu trabalho, o homem pode contemplar toda a plenitude da criação que Deus preparou para ele. Simultaneamente, pode entrar em comunhão com o Doador de todos estes dons. Após seis dias de trabalho, emana do sábado da criação o repetido convite de Deus ao homem: que no sétimo dia deixe de lado todo o seu trabalho e entre no repouso de Deus, que se desvie do universo da criação e se volte para o Criador do Universo. O repouso de Deus, no sétimo dia, estava voltado para o homem. O repouso do homem, no sétimo dia, devia estar voltado para Deus, a fim de que o homem não se tornasse prisioneiro da sua obra de seis dias, mas para que a relação pessoal entre Deus e o homem pudesse ser fortalecida e aprofundada. O homem tem necessidade deste repouso para manter as proporções adequadas no seu trabalho, para não se perder no seu labor, para não confiar tanto nas suas capacidades e confiar antes no seu Criador. Na sociedade moderna que privilegia o rendimento, cada sábado traz consigo o carácter do protesto contra as exigências do rendimento e a obrigação de ter sucesso.

3.3. Deus abençoa o sétimo dia

Eis o segundo acto que preenche o sétimo dia e que conclui assim a criação: Deus abençoou o sétimo dia. A narrativa da criação menciona três vezes que

Deus abençoou. De cada vez, a bênção aumenta e é alargada. Primeiramente, são abençoadas as obras do quinto dia (Gén. 1:22). Deus criou os seres vivos que povoam as águas e os céus, e abençoa-os com a fecundidade. No sexto dia, Deus abençoa o homem, concedendo-lhe fecundidade e o domínio sobre a terra e todos os seres vivos (Gén. 1:28). Finalmente, Deus abençoa o sétimo dia.

O que significa a bênção divina, no conjunto da narrativa da criação? No quinto e sexto dia, a bênção de Deus está ligada à declaração: «Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra.» O que Deus criou como original, o que não existia então senão em edição singular, isto é, o primeiro animal e o primeiro homem criado, deve continuar a existir, pela bênção de Deus, depois do acto da criação e deve multiplicar-se. Pela Sua bênção, Deus assegura a continuidade do que Ele criou.

Em relação com o sábado, a bênção divina significa que a partir do primeiro sábado haverá sempre um novo sétimo dia, porque Deus garante, com a Sua bênção, a continuidade do sétimo dia. Por essa bênção, o sétimo dia torna-se um mandamento que acompanhará o homem através de todo o espaço da sua história. Enquanto houver animais e homens, enquanto a terra existir, haverá o sétimo dia como instituição do Criador, porque este dia está abençoado. No mandamento do sábado, Deus confirma que o sétimo dia continuará a ser abençoado (Êxo. 20:11).

Deve notar-se que Deus não abençoa o ritmo do trabalho com um dia de repouso.

Não é o ritmo que é decisivo, mas o sétimo dia. O ritmo resulta do sétimo dia, e não o inverso. Eis porque este dia não pode ser mudado. A bênção está ligada ao sétimo dia e não pode ser transmitida a um outro dia qualquer. Se, simbolicamente falando, entre sete copos somente o sétimo estiver cheio de água e os outros vazios, então, somente o sétimo copo pode matar a sede.

A semana de sete dias não é uma unidade de tempo para Deus, mas para nós, os homens. É por isso que Deus não abençoou o sétimo dia para Si mesmo, mas para nós. A bênção de Deus

Quando Deus abençoa, Ele oferece ao homem a Sua riqueza, e fá-lo partilhar da Sua plenitude. A bênção de Deus suscita uma resposta no homem. Esta resposta exprime-se em louvores. O hebraico utiliza a mesma palavra (*barak*) para louvar (ver Gén. 14:18-20). Porque Deus abençoou o sétimo dia para o homem, este, neste dia, deve ficar disponível, para responder a Deus através de hinos e louvores. O «cantus firmus» de toda a assembleia no sétimo dia deve exaltar os méritos de Deus (Salmo 92).

3.4. Deus santificou o sétimo dia

O terceiro acto de Deus,

O Sábado traz consigo o nome do Seu Autor e, ao mesmo tempo, a acção que Ele realizou nesse dia, em favor da Sua criação.

é um dom destinado ao homem. Deus «coloca neste dia as forças abençoadoras que podem irradiar deste dia para os outros» (Zimmerli). Pela bênção, o próprio dia se torna uma bênção e produz um efeito sobre todos os outros dias do homem. Deus mantém sempre dentro da Sua visão o homem que Ele criou como Seu interlocutor. Somente aquele que se repousa em Deus, isto é, que aceita de maneira periódica o convite de Deus e que aprofunda a sua relação com Ele, pode receber a plenitude da bênção.

A palavra hebraica abençoar (*barak*) descreve dois movimentos: um movimento de cima para baixo, e outro de baixo para cima.

que conclui a criação, consiste em santificar o sétimo dia. A palavra «santificar» não tem paralelo nos outros dias da criação. Não a encontramos senão uma vez na narrativa da criação. Mesmo nos dez mandamentos, ela só aparece uma vez, de novo em relação com o sétimo dia.

Que significa «Deus santificou»? São visíveis três aspectos do termo. Podem distinguir-se, mas não dissociar-se.

1. O verbo hebraico contém a noção de separação ou isolamento. Deus aparta um lapso de tempo do tempo. Ele isola o sétimo dia dos seis dias da criação. Ele separa-o das jornadas da criação e declara-o como santificado.

2. Simultaneamente, a palavra «santificar» contém um elemento ligador. O que Deus santifica, e que a seguir isola, Ele o declara como Sua propriedade e liga-o a Si mesmo. Da mesma maneira que Deus mais tarde santifica certas pessoas e utensílios para o serviço no santuário, e que Ele assim os isola do domínio da banalidade, assim também Deus reclama o sétimo dia como Sua propriedade.

3. Deus é santo. Nenhuma obra da criação, nenhuma criatura, é santa. «Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos» (Isa. 6:3). Ao santificar, Deus comunica uma parte do Seu ser. Assim, há algo que se passa com e no sétimo dia que tem a sua origem em Deus e depende inicialmente da Sua acção. Santificar quer dizer que Deus nos transmite algo da Sua pessoa. Deus santifica o sétimo dia, portanto, uma certa parte do tempo. É uma coisa única. A narrativa da criação não nos diz que Deus santificou um lugar. Mesmo o jardim do Éden não é designado como santificado. Nas religiões pagãs há lugares sagrados, montanhas santas, poços sagrados. Ali se erigem monumentos. Mas após a criação do céu e da terra, não havia nesta nenhum lugar sagrado, somente um tempo sagrado, ligado ao sétimo dia.

Em que consiste a diferença entre um lugar sagrado e um tempo sagrado?

1. Os lugares ou objectos sagrados limitam a adoração a um espaço preciso. Excluem as pessoas que não se encontrarem num lugar de adoração. Os lugares sagrados não correspondem ao carácter de Deus. A uni-

versalidade de Deus mostra-se no facto de Ele ter santificado o sétimo dia. O tempo sagrado abrange a cada ser humano, independentemente do lugar onde viver ou se encontrar.

2. Para alcançar um lugar sagrado, o homem tem de pôr-se a caminho e deslocar-se até lá. É desejo e voto dos muçulmanos crentes irem uma vez na sua vida a Meca, para aí prestarem o seu culto. Eles investem neste objectivo as suas forças, o seu tempo e o seu dinheiro, porque o consideram digno de todos os esforços. Todavia, para a maioria dos muçulmanos, isso continua a ser um sonho impossível, que não podem concretizar. O tempo sagrado é de uma outra natureza. Ele vem ao encontro do homem cada sete dias. Não é o homem que tem de se pôr a caminho para chegar ao momento sagrado; é antes o período sagrado que alcança todos os homens, independentemente do lugar em que vivam. Na sua santificação, o próprio Deus Se pôs a caminho para oferecer a cada homem uma oportunidade de adoração.

Deste modo, encontramos-nos diante de um último segredo da santificação. O que Deus santificou é sagrado porque Deus está presente. Não se trata duma santificação mágica, mas da **santidade do sábado como presença de Deus**. Deus liga-Se ao tempo que Ele próprio regulou pela Sua criação. Coloca-Se ao nosso alcance e entra na no nosso tempo, ao santificar o sétimo dia. O homem é convidado a fazer prova do Deus Vivo (ver Êxodo 24:15-18). Deus não santificou o sétimo dia para Si mesmo, mas para nos san-

tificar pela Sua presença. «Dei-lhes também os meus sábados para que servissem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica» (Ezeq. 20:12).

Eis porque o quarto mandamento nos incita igualmente a guardar o sábado como sagrado. Existe uma estreita relação entre a santificação do sábado por Deus e pelo homem. Deus santificou o sábado para o homem e convida-o a deixar santificar-se pela Sua presença. O homem deve observar o Sábado, aceitando o convite de Deus e deixando-se santificar pela presença de Deus.

4. Resumo

A tríplice obra de Deus

mana. Por meio da bênção do sábado, os seis dias de trabalho vão ser também abençoados. A presença santificante de Deus, que o homem vive no sétimo dia, vai guardá-lo das tentações e contestações durante a semana.

5. Sete indicações assinalam o Evangelho no sábado da criação

1. O dia de repouso bíblico contém o evangelho da origem do homem. Nós saímos das mãos do Pai e estamos em segurança n'Ele, porque Ele está unido à Sua criação através do sétimo dia.

2. A constante repetição do sábado é um sinal profético que mostra que Deus acompanha a igreja ao lon-

suas obras. Sem ter realizado obra alguma, o primeiro homem pôde contemplar as obras de Deus, feitas para ele, e pôde partilhar do repouso de Deus.

5. Colocando-se nos limites do tempo humano, e santificando o sétimo dia, o Criador entra pela primeira vez no lapso de tempo terrestre. Este acto de Deus alcança o seu apogeu na encarnação de Seu Filho.

6. O sábado, como dádiva de Deus à Sua criação, encontra-se em estreita relação com o Doador. A relação recíproca entre o doador e o dom encontra a sua expressão no facto de o sétimo dia ser chamado «sábado do Senhor» e de que Cristo Se chame «Senhor do sábado». Aquele que deseja o dom sem o Doador perde a dádiva. Aquele que, por outro lado, deseja para si o Senhor, menosprezando o Seu dom, menospreza o Doador. Através da relação pessoal com o Senhor do sábado, **cada sétimo dia torna-se o sábado do Senhor**.

7. O sábado da criação contém o convite de Deus ao homem, para celebrar com Ele o sábado. Assim, o Senhor do sábado convida-nos, cada sábado, a festejar de novo com Ele, a desfrutar da comunhão com Ele e a partilhar da Sua alegria (Isa. 28:13, 14).

O que Deus santificar é sagrado porque Deus está presente. Deus é santo e santificador.

no sétimo dia foi realizada por amor do homem. O Criador deseja partilhar o que Ele é com a Sua criatura. Isso corresponde ao Seu amor. A realização das obras de Deus no sétimo dia é a revelação deste amor. Embora o sábado tenha sido feito para o homem, não é o homem que está no centro do sábado, mas somente Deus.

O que Deus instituiu no sétimo dia deve penetrar e preencher os dias de trabalho do homem. A comunhão com Deus, que o homem sente no sétimo dia, deve acompanhá-lo no seu itinerário através de toda a se-

go de todo o caminho, do primeiro sábado até ao último dia da história do mundo. O sábado é o sinal visível de que Deus Se mantém fiel à Sua criação e que cuida da terra.

3. O sábado revela que a acção de Deus tende sempre para a perfeição. O que Deus começa, Ele o leva até ao fim. O primeiro sábado como dia do Senhor assinala que haverá um último dia do Senhor que conduzirá a criação, apesar da queda e da corrupção, à perfeição e ao repouso perfeito.

4. O sábado revela que o homem não entra no repouso do sábado por causa das

O pastor J. Mager é o departamental da Associação Ministerial da Divisão Euro-africana, com sede em Berna, Suíça. Foi professor de Teologia no Seminário Adventista de Friedensau, ex-Alemanha do Leste, de 1975 a 1982. Possui o grau de «Doctor Ministry» da Universidade de Andrews, Michigan, E. U. O presente artigo é o resumo de uma conferência apresentada na Suíça, em 21 de Junho de 1994.

Pregação das Nossas Doutrinas Distintivas: Precisa-se!



Robert A. Johnson

As verdades distintivas adventistas provêm o contexto para a pregação do Evangelho nos nossos dias

Nos dois primeiros artigos da série que hoje concluo, partilhei com os leitores da *Revista Adventista* o que penso sobre a pregação dos e para os Adventistas do Sétimo Dia: que esta deve ser bíblica e apresentar, de modo claro e inequívoco, o Evangelho. No artigo deste mês desejo expressar mais uma preocupação: o nosso dever de proclamar aquelas verdades que fizeram de nós um povo diferente, distinto.

Nós somos chamados a pregar «o Evangelho eterno» (Apoc. 14:6), mas num contexto especial. Os mensageiros do Senhor, através de toda a história humana, têm sempre proclamado o Seu único caminho de salvar homens e mulheres. Todavia, enquanto que a mensagem essencial não mudou, o contexto alterou-se. Nos dias de Moisés, a experiência do Êxodo deu forma ao Evangelho. Para o povo contemporâneo de João Baptista, a mensagem centrava-se na expectativa do aparecimento do Messias. Jesus, a Palavra feita carne, proclamou o Evangelho em termos do Reino dos Céus, o qual estava sempre presente na Sua vida e obra.

Assim, hoje, Deus comissionou-nos a pregar as boas-novas no contexto de um apelo mundial: «Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque é vinda a hora do Seu juízo: e adorai Aquele que fez os céus, e a terra, e o mar, e as fontes das águas» (Apoc. 14:7). Por isso, a pregação adventista não pode ser exactamente a mesma dos Baptistas, dos Presbiterianos ou dos Metodistas. Nós somos um povo profético com uma mensagem profética!

Quais são as doutrinas distintivas adventistas?

As mensagens dos três anjos de Apocalipse 14:6-14 dão-nos as nossas ordens de marcha. Para nós, o Evangelho eterno vem no contexto de:

1. Uma Missão Global. Cada congregação, por mais pequena e humilde que seja o seu lugar de culto, é uma parte do círculo mundial de companheirismo. De facto, a nossa mensagem dirige-se a toda a nação, tribo, língua e povo. Deus formou a igreja remanescente a partir de povos de mais de 190 países. A pregação adventista deve ampliar a visão dos seus ouvintes, ajudando-os a pensar **grande**, a planear **grande**, a realizar **grande** — a serem globais nas suas perspectivas. Além disso, deve apelar a que nos regozigemos na incrível diversidade do povo de Deus, no respeito e amor aos outros, seja qual for a sua cor, raça, língua, idade, género ou posição social.

2. A Hora do Juízo. Esta verdade leva-nos à compreensão do santuário celestial, com Jesus, como nosso Sumo Sacerdote, representando-nos diante do trono de Deus. Desvia as nossas mentes das coisas banais desta terra para a própria sede do Universo.

3. Adoração ao Criador. Numa era em que os homens e as mulheres se adoram a si mesmos, ao sexo, aos desportos, prazeres e dinheiro, os Adventistas do Sétimo Dia devem proclamar a Deus, tanto como o Criador e Originador de todas as coisas, como o nosso Redentor e Senhor.

4. A Lei de Deus. O povo de Deus dos últimos dias amará ao Senhor e seguí-l'Ó-á, custe o que custar. «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12). Nós somos guardadores da Lei, não para ser salvos, mas porque fomos salvos. Para nós, a obediência é a expressão de quem somos, como filhos do Rei dos Céus.

5. O Sábado. De todos os mandamentos, o Sábado é o selo do nosso amor e lealdade para com um amável Pai Celestial. Ao decidirmos guardar o dia que Deus guardou e abençoou, estamos a honrá-l'Ó como Criador e Senhor do tempo e espaço. Para nós, guardar o Sábado não é um fardo, mas uma bênção: mais do que nunca, em meio ao ritmo frenético da vida moderna, nós ansiamos por essas horas sagradas!

6. A Grande Controvérsia. Creemos que estamos empenhados numa luta cósmica entre o bem e o mal. A «besta» mencionada em Apocalipse 14:9-11 representa as forças que se opõem ao povo de Deus nos últimos dias. Mas nós servimos Aquele que é de longe o maior e o mais poderoso. Aquele que tem nas Suas mãos o destino do mundo e que há-de guiá-nos através de todas e quaisquer tribulações. Pela Sua cruz, Ele ganhou a batalha decisiva contra os poderes demoníacos e o Seu triunfo é certo e seguro.

7. A Segunda Vinda. «Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça

uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda» (Apoc. 14:14). Nós somos *Adventistas* do Sétimo Dia — acreditamos que Jesus voltará outra vez. Acreditamos que Ele cumprirá a Sua promessa (João 14:1-3). Acreditamos que as grandes linhas de tempo profético e todos os sinais que vemos ao nosso redor apontam para o clímax dos séculos, quando Deus enviará o Seu Filho pela segunda vez, tal como O enviou à Terra há 2000 anos, na plenitude dos tempos (Gál. 4:4).

8. O Espírito de Profecia. Outro distintivo adventista, que não se encontra na mensagem dos três anjos mas é identificado em Apocalipse 12:17 e 19:10, é a nossa crença no Espírito de profecia. Nós acreditamos que Deus usou Ellen White para comunicar a Sua mensagem à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os seus conselhos não acrescentam nada às Escrituras, nem tomam o lugar destas, mas nós aceitamo-los como uma contínua fonte de orientação e guia. A pregação adventista, conquanto deva ser totalmente bíblica no seu fundamento e conteúdo, deve demonstrar confiança no Espírito de profecia.

Que temas empolgantes! Eles falam poderosamente à vida do nosso tempo! A pregação adventista não pode deixar de ser relevante!

Ellen White refere-se, em vários lugares, aos nossos ensinamentos distintivos, usando termos como «os pilares» ou «os fundamentos». Identifica-os como o santuário e a sua purificação, as mensagens dos três anjos, a lei de Deus e o Sábado. E acrescenta outro « pilar»: a não-imortalidade da alma. (Ver, por exemplo, *Conselhos aos Escritores e Redactores*, pp. 30, 31.) «Que as verdades que são o fundamento da nossa fé sejam apresentadas diante do povo», incita ela. E ainda: «Nós devemos agora compreender o que são os pilares da nossa fé — as verdades que fizeram de nós o povo que somos, guiando-nos passo a passo.» — *Ibid.*, p. 29.

E aos pregadores, aconselha: «Os ministros devem apresentar a palavra segura da profecia como o fundamento da fé dos Adventistas do Sétimo

Dia. (...) O capítulo 24 de Mateus é-me apresentado uma vez e outra como algo para que se deve chamar a atenção de todos. (...) O tempo em que vivemos exige vigilância constante e os ministros de Deus devem apresentar a luz no assunto do sábado. Devem advertir os habitantes do mundo de que Cristo vai vir em breve com grande poder e glória. A última mensagem de advertência ao mundo é levar os homens a verem a importância que Deus confere à Sua lei.» — *Obreiros Evangélicos*, p. 148.

Como apresentaremos as Verdades Distintivas?

Sempre e apenas em termos do Evangelho Eterno. Isto quer dizer que Cristo será o centro de cada doutrina.

As verdades distintivas devem sempre ser centradas em Cristo.

na, seja ela o santuário, o Sábado, a Lei, o Juízo ou o estado dos mortos. Não se lhes acrescentará Cristo como um pensamento posterior, «a propósito de». Ele deve ser o fundamento, o coração, o alfa e o ómega.

Às vezes, descubro que alguns Adventistas não parecem interessados em apresentações doutrinárias. A razão, acho eu, não é que as doutrinas distintivas não toquem as vidas das pessoas — que pode ser mais importante do que o Sábado ou a Segunda Vinda? No passado, nós pregámos muitas vezes estas verdades de um modo árido, teórico ou argumentativo. Elas não chegaram aos ouvintes aquecidas pelo amor de Jesus, ou não foram aplicadas à vida diária, para que o povo visse a diferença que estas doutrinas podem operar.

Por isso, todos temos de estudar e orar muito, se quisermos apresentar as nossas doutrinas distintivas de modo eficaz. Temos de pedir ao Senhor para colocar de lado o nosso orgulho. O nosso objectivo não é provar que temos razão e os outros estão em erro. Não é derrotar e vencer alguém que conhecemos, talvez até algum dos nossos membros. Nós não somos chamados a pregar às pessoas, mas a *proclamar* o Evangelho Eterno, que é sempre *boas-novas*, seja qual for o tema específico de que se trate.

Finalmente, se desejamos que a nossa pregação tenha poder, bem faremos em pleitear com o Espírito Santo por poder para *viver* as doutrinas distintivas e falar sobre elas. Temos de apreciar o sábado como uma dádiva preciosa e graciosa do nosso amantíssimo Pai. A Segunda vinda de Jesus tem de ser «a bem-aventurada esperança» em que nos encontraremos face a face com o nosso Salvador, e não um acontecimento de terror e ansiedade. O juízo deve dar-nos esperança, porque confiamos n'Aquele que fala em nosso favor e nos liberta de toda a ansiedade e apreensão. A Grande Controvérsia deve realçar o poder e a vitória de Jesus, e não os enganos de Satanás e as provações dos últimos dias.

O que *somos* falará mais alto do que aquilo que pregamos. O nosso sermão mais poderoso será as nossas vidas cheias de amor cristão pelo nosso próximo.

Que o Senhor envie o Seu Espírito para reavivar o Seu povo. Que a nossa pregação seja pregação *bíblica*, vinda da Palavra e centrada na Palavra. Que a nossa pregação seja pregação do *Evangelho*, guiando os ouvintes ao Cordeiro de Deus que nos purifica dos nossos pecados e nos dá a certeza da salvação *agora*. E que a nossa pregação descreva fielmente as verdades *distintivas* Adventistas do Sétimo Dia que provêm do contexto para a proclamação do Evangelho eterno nos nossos dias!

Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral dos A.S.D.

Campanha de solidariedade para com os desfavorecidos de Peniche

Era necessário fazer algo, e os sentimentos que animavam a congregação de Peniche tornaram-se realidade. Depois desta intensa prova de fogo no trabalho mais árduo, até ao momento presente, pudemos constatar que o povo adventista sabe dizer *presente* quando as dificuldades fazem a sua aparição.

Todos os dias, foram distribuídas refeições mínimas, compostas por uma bem consistente sopa, pão, fruta e muitos pacotes de nutrientes para crianças. Todo este quadro se passou nas instalações da Igreja Adventista de Peniche, onde o labor de algumas irmãs ia dando corpo a uma ideia arrojada.

Vieram ajudas dos mais variados quadrantes, a começar, necessariamente, pela própria comunidade adventista da Região Oeste, a que se juntaram crenças dos mais variados pontos do país.

Mas o aspecto mais relevante de todo este empreendimento está ligado aos belíssimos e altruístas colaboradores sistemáticos, externos à nossa orgânica! Seria de todo em todo injusto lembrar o sucedido sem vincar a presença amiga da *COOPERTORRES* (Torres Vedras), com avultadas ofertas, mas poderemos nós esquecer alguns dos industriais de panificação que, dia após dia, nos forneceram gratuitamente de pão? E que dizer de alguns agricultores? São experiências que marcam profundamente quem tudo isto viveu...

Sob o ponto de vista pecuniário, apenas (!) conseguimos angariar 113.600\$00. Mas, no que torna a ofertas directas em géneros, os números atingiram centenas de contos!!!

Dia após dia, vimos engrossar o número de pessoas com problemas, mas, graças ao Senhor por isso, também aumentou a expressão dos benévolos doadores. Chegou ao ponto de

haver uma estação de rádio local que, durante o período de emissão, emitia um pequeno spot publicitário, convidando as forças vivas da região a ajudarem o esforço solidário da Igreja Adventista de Peniche.

Numa época em que, quantas vezes injustamente, se olham as igrejas minoritárias como autênticos locais de hábil extorsão financeira, a comunidade adventista de Peniche testemunhou, com actos dignos, a maneira como o Evangelho atinge os corações.

Nos dois últimos dias, tivemos a útil presença do Dr. Daniel Esteves que, no seu muito agradável estilo peculiar, desenvolveu saborosas charlas sobre o conceito de higiene e saúde. Uma entrevista radiofónica em directo, com a presença do nosso responsável nacional do pe-louro da Temperança, da mentora de todo este projecto, irmã Maria do Rosário Nascimento Gonçalves, e do signatário, deu a conhecer a todos os quadrantes a vertente social duma comunidade que se quer afirmar pela utilidade. Foi um belo programa clausurado a preceito.

Propusemo-nos uma tarefa que abarcasse o primeiro trimestre e, apesar das algumas dificuldades logísticas, no final pudemos olhar para os rostos dos que foram beneficiados e sentir o calor do agradecimento.

Não vimos aumentar o número local de fiéis, mas podemos afirmar que aumentou muitíssimo o prestígio da nossa igreja. Neste preciso momento em que redigimos estas letras, corre uma campanha de recolha de alimentos, envolvendo particulares, o patrocínio da Rádio Litoral, e tudo isto sob os auspícios da nossa igreja.

Refeições distribuídas: Janeiro — 1.849; Fevereiro — 2.790; Março — 2.980.

Estamos convencidos que isto foi apenas um começo, uma

possível via de evangelização. Com a ajuda do Senhor, estamos a desenvolver uma das possíveis respostas às carências dum mundo com um nível demográfico cada vez maior, mas, e por paradoxal que isto seja, onde uma enorme multidão se sente sempre só.

A esta tarefa solidária outras se seguirão.

Sintamo-nos com Deus... cada vez mais perto dos homens.

Manuel Garrido

Pastor das igrejas de Caldas, Peniche e Rio Maior

«Festa da Páscoa» em Alpendurada

Realizou-se, na igreja Adventista de Alpendurada, entre 27 de Março e 2 de Maio deste ano, uma série de conferências sobre «A Festa da Páscoa». Esta acção foi orientada pelo Dr. Victor Alves, professor de História do ensino básico. As sessões tiveram lugar todas as noites, com início às 20h50, perante uma plateia recheada de membros da igreja, convidados (média de 15 por noite) e também crianças (média de 5 por noite). Enquanto os mais velhos se deleitavam

com belos hinos, exposições cativantes sobre a Páscoa e apresentações de vídeo, os mais novos entretinham-se com desenhos.

Saliente-se o esforço desenvolvido pelo Dr. Victor Alves e Pr. Fernando Mendes, que se deslocaram todos os dias do Porto a Alpendurada. Que Deus os abençoe, bem como a todos os convidados e membros da igreja.

Fernando Jorge A. Silva

Secretário da igreja de Alpendurada

Aveiro: O regresso do Pedro, com a Vera

O Pedro é filho de pais adventistas. Cresceu na igreja e, como muitos dos nossos jovens, deixou a adolescência com algumas dúvidas de fé. Essas dúvidas levaram-no a um período de

ausência, em que procurou realizar-se longe da igreja.

Encontrou, entretanto, a Vera. Quando os conheci, já namoravam. Explicar à Vera, que vinha de uma família católica,



as razões da fé, tal como ele as tinha aprendido, não foi tarefa fácil e, neste contexto, o Pedro voltou.

Começámos os três a estudar a Bíblia, às terças, em minha casa. Dois meses depois decidiram casar e pediram à igreja o baptismo. O Conselho reuniu várias vezes com eles. Preocupava-nos a Vera, pois estava há muito pouco tempo connosco e ainda não tínhamos estudado alguns temas fundamentais à nossa compreensão da fé cristã. Mas

os dois insistiram e a igreja recebeu-os com alegria. Foram baptizados no dia 4 de Fevereiro na igreja de Vila Nova, pelo pastor Joaquim Nogueira.

Continuaremos a estudar a Bíblia, mas desejamos que percorram o caminho com Jesus e que felizes se encontrem, com todos os leitores da *R. A.*, lá no céu. Por isso, pedimos que orem por eles.

Pedro Fonseca
Pastor Auxiliar de Aveiro



ASA Algarve

nos vão conhecendo e aceitando os nossos folhetos e revistas, que sempre distribuimos. Este é apenas um meio que esperamos nos possa ajudar a atingir fins de ordem mais específica

para o avanço do Evangelho nesta terra.

Ruben Abreu
Pastor da Região do Sotavento Algarvio

Faro: Semana de Evangelização e Reavivamento. Acção da ASA

Durante os dias 1 a 7 do mês de Maio, vivemos na igreja de Faro uma semana especial. Durante ela pudemos participar num esforço de evangelização e reavivamento com a presença do Pr. Joaquim Dias, que todas as noites nos dirigia no estudo e na meditação da Palavra de Deus.

Fomos abençoados com a presença de algumas visitas e de irmãos das várias igrejas do Algarve. Este esforço terminou com a festa espiritual que sempre é uma cerimónia baptismal, onde o jovem Tiago Caetano se entregou a Jesus.

A ASA — Assistência Social Adventista — desde há muito que tem vindo a desenvolver a

sua missão e actividades no Algarve. Têm sido feitos e mantidos contactos com o pelouro de assistência social da Câmara de Faro, onde gozamos de prestígio. Ultimamente, temos tido à nossa disposição uma tenda, cedida pela autarquia supracita, em todos os primeiros sábados de cada mês. Nessa tenda, pomos ao serviço do público a possibilidade de medirem a tensão arterial e de saberem, no momento, o nível de colesterol e diabetes — uma média de 90 pessoas por acção. Tem sido importante a participação do pessoal especializado que nos tem acompanhado. Através deste trabalho, temos entrado em contacto com muita gente, que



Batismo do jovem Tiago Caetano

Tomar: Campanha de Evangelismo

Conforme programado, decorreu em Tomar, de 1 a 8 de Maio, uma Campanha de Evangelização dirigida pelo nosso querido amigo e irmão pastor Fernando Mendes.

Desejo salientar que estas conferências tiveram lugar na sala de reuniões do Centro Comercial Templários, no coração da cidade, em virtude das más condições da nossa igreja. O proprietário do Centro ficou muito impressionado com a presença de cerca de duas centenas de jovens que, em 2 de Abril, apresentaram um programa musical, teatro de fantoches e medição de tensão arterial, aquando da realização, nas margens do rio Nabão, do Acampamento J.A. Centro; e talvez devido a isso nos emprestou a citada sala.

Para esta campanha, convites, rádio e jornais foram os meios utilizados na publicidade, mas uma vez mais se provou que o melhor de todos os meios continua a ser o convite pessoal, aos familiares, amigos e vizinhos.

Ficámos felizes, pois cada noite tivemos uma média de duas dezenas de visitas, não contando as crianças, assistindo à apresentação da Palavra de Deus.

De um modo simples, entusiástico e convicto, o Pr. F. Mendes, o orador, apresentou a Verdade Bíblica.

Estamos gratos ao **Senhor Nosso Deus** por esta Campanha e pelo grande impacto causado por este servo do Senhor, nascido, baptizado e casado em Tomar, e pelas muitas experiências vividas no seu já longo ministério de 47 anos. Para si, Pr. Mendes, o agradecimento da igreja de Tomar. A todos os membros que com a sua presença, com o seu esforço tornaram real esta bela Semana, **Muito Obrigada**. E a si, leitor da *R. A.*, peço-lhe: Ore pelo trabalho que se está a realizar neste distrito.

Olívia Martins
Igreja de Tomar

Espinho: Cerimónia Baptismal

No dia 19 de Março do corrente ano, na parte da tarde, realizou-se na igreja de Espinho uma cerimónia baptismal.

Um programa apropriado foi cuidadosamente elaborado para que a cerimónia tivesse um cunho de festa espiritual. Para isso, a igreja de Espinho, como já é habitual, empenhou-se profundamente na sua organização, não se poupando a esforços para que nada faltasse a essa cerimónia festiva.

Segundo o testemunho de alguns irmãos, a igreja nunca esteve tão cheia numa cerimónia baptismal. Além dos membros de Espinho, havia muitos membros das igrejas ao redor, assim como muitas visitas, em grande número convidadas pelos nossos irmãos.

Houve muita música. O coro da igreja, como sempre, actuou. Após o apelo feito às visitas, era animador vê-las uma a uma di-

rigindo-se para o lugar onde iria ser feita a oração de consagração, ao mesmo tempo que era cantado um solo por uma nossa irmã, que se disponibilizou prontamente para o fazer.

De todos aqueles que atenderam ao apelo, o mais comovedor foi uma senhora, que está gravemente doente, atendendo ao chamado, vindo amparada por uma nossa irmã. Esta senhora está actualmente recebendo estudos bíblicos.

Louvido seja Deus, pela igreja de Espinho; pelo trabalho activo e animador que está sendo realizado pelos seus membros; pelos irmãos consagrados e espirituais que a compõem; pelo amor que eles dedicam a Deus, à sua Igreja, e ao seu pastor. Por tudo isto, louvado seja Deus.

José Albano Freitas Vieira
Pastor de Espinho



Clube nas suas actividades.



zade — Açores 94», que terá a presença de 35 a 40 jovens adventistas da Terceira, São Miguel, Pico, Faial e de várias igrejas do Continente, que vi-

rão testemunhar de Jesus nestas ilhas.

Álvaro Bastos
Colportor de avançada nos Açores



Os novos irmãos de Espinho, ladeados pelo casal pastoral.

Clube de Tições na Horta, Açores

Após a realização da 1ª Escola Cristã de Férias na ilha do Faial, cidade da Horta (Açores), já se trabalha na fundação do Clube de Tições da Igreja Adventista do Sétimo Dia nesta cidade açoriana.

Agora o objectivo do nosso clube de Juventude Adventista Portuguesa será realizar, de 7 a 10 de Julho, o nosso acampamento local, com o lema «Decisão», e, durante o mês de Agosto, o «Ondas de Ami-

Seminário Maranata

Oliveira do Douro, 14 a 21 de Agosto

Métodos de partilhar a fé
Experiência espiritual profunda

Presença de:

Pr. J. C. Costa (Divisão)
Pr. J. Casaquinha (União)
Pr. J. Machado (igreja de Angra)

Óptimas condições. Inscreva-se já!